

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
FACULDADE DE LETRAS – FLET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO – PPGL**

**RAABE EMY SOUZA LIMA**

**GÊNERO, CONFLITO E VIOLÊNCIA: TRAJETÓRIAS FEMININAS NO  
ROMANCE *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE**

MANAUS – AM

2022

RAABE EMY SOUZA LIMA

**GÊNERO, CONFLITO E VIOLÊNCIA: TRAJETÓRIAS FEMININAS NO  
ROMANCE *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Nícia Petreceli Zucolo

Bolsa: Fapeam – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

MANAUS – AM

2022

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L732g Lima, Raabe Emy Souza  
Gênero, conflito e violência : trajetórias femininas no romance O  
alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane / Raabe Emy Souza  
Lima . 2022  
89 f.: 31 cm.

Orientadora: Nicia Petreceli Zucolo  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Colonização. 2. Mulheres. 3. Violência. 4. Silenciamento. 5.  
Literatura moçambicana. I. Zucolo, Nicia Petreceli. II. Universidade  
Federal do Amazonas III. Título

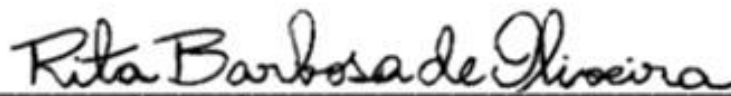
**Raabe Emy Souza Lima**

**“Gênero, conflito e violência: trajetórias femininas no romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Literários.

Aprovada em 04 de março de 2022.

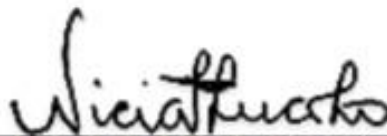
**BANCA EXAMINADORA:**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Renata Beatriz Brandespin Rolon (UEA)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Nícia Petreceli Zucolo (UFAM)

*Para Paulina Chiziane.*

## AGRADECIMENTOS

O meu processo no mestrado, que tem como resultado esta dissertação, teve em seu caminho sensações que quando iniciei não pensava que eram possíveis, ainda mais sendo sentidas através do texto literário. O processo de escrita e leitura sobre essas mulheres que são constantemente violentadas é doloroso porque a cada leitura eu conseguia sentir o sofrimento presente ali e tudo isso foi intensificado porque vivíamos e ainda vivemos, enquanto escrevo esses agradecimentos, a pandemia da COVID-19. Tive nessa caminhada algumas pessoas que a tornaram mais agradável e que se fazem presentes na minha vida, assim, alguns agradecimentos são necessários:

A Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira, que foi minha orientadora durante quase todo esse processo do mestrado. Pelo apoio e pelas orientações, nós vivemos tempos difíceis esses últimos anos, mas ela sempre me olhou e orientou com carinho e cuidado.

A Nícia Petreceli Zucolo, minha orientadora e professora. Por aceitar finalizar essa caminhada junto comigo, pelas conversas que me ajudaram a chegar ao fim desse processo de escrita, por me ouvir e se empolgar junto comigo, pelo carinho de sempre.

Às professoras que compõem a banca, por terem aceitado o convite e fazerem parte desse processo.

Às professoras e professores do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFAM), pelas disciplinas ministradas. Agradeço a coordenação do PPGL/UFAM, ocupada pelo prof. Dr. Leonard Costa, pelo cuidado com os alunos.

Ao meu irmão, Natã Souza Lima, que esteve ao meu lado e acompanhou toda a minha trajetória acadêmica. O companheirismo e amor foram essenciais para a execução desse mestrado. A minha mãe, Ana Marli Souza Lima, por ter estado ao meu lado e por ouvir sempre todas as minhas teorias.

À melhor amiga, Eloíze Bandeira Duarte, que me deu força e sempre apoiou tudo que fiz até aqui, pelos conselhos e pelo socorro sempre que precisei de uma tradução de última hora.

Aos amigos que fiz durante o mestrado, especialmente a Edmilson de Oliveira Nobre, por me acompanhar durante esses anos, pelas conversas. O companheirismo e a amizade que conheci na UFAM e agora levo para a vida.

À FAPEAM, pelo financiamento.

*Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher.*

Paulina Chiziane  
em *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*



## RESUMO

Esta dissertação analisou o romance *O Alegre Canto da Perdiz*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. A discussão se desenvolve em torno da vida das personagens e dos contextos das relações entre dominadores e dominados em que será apresentada temáticas de gênero, violência, raça, assimilação, opressão colonial. As situações de conflito e violência que acontecem a partir das relações de gênero podem servir como base para a dominação social, elas são agravadas quando elaboradas dentro de sociedades patriarcais e coloniais. O romance apresenta o ser feminino em contato com masculinidades, e os homens terão a sua dominação constantemente reforçada pelo Estado, pela família e pela cultura, mas a narrativa mostra mulheres que se desvencilham desses destinos submissos. Para o aprofundamento da análise recorreremos às reflexões levantadas por Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Joan Scott, Signe Arnfred, Jaime Ginzburg, Francisco Noa e José Luiz Cabaço.

**Palavras-chave:** Colonização. Mulheres. Violência. Silenciamento. Literatura moçambicana.

## ABSTRACT

This dissertation analyzed the novel *O Alegre Canto da Perdiz*, by the Mozambican writer Paulina Chiziane. The discussion develops around the characters' lives and the contexts of the relationships between dominators and dominated in which themes of gender, violence, race, assimilation, colonial oppression will be presented. The situations of conflict and violence that arise from gender relations can be used as a basis for social domination, they are aggravated when elaborated within patriarchal and colonial societies. The novel presents the female being in contact with masculinities, and men will have their domination constantly reinforced by the State, family, and culture, but the narrative shows women who break away from these submissive destinies. To deepen the analysis, we resort to the reflections raised by Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Joan Scott, Signe Arnfred, Jaime Ginzburg, Francisco Noa and José Luiz Cabaço.

**Keywords:** Colonization. Women. Violence. Silencing. Mozambican literature.

## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>11</b>
<b><u>PARTE 1 - LITERATURA E AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA</u></b> .....	<b>15</b>
1.1 <u>Voices da literatura moçambicana</u> .....	20
1.2 <u>A literatura de Paulina</u> .....	25
1.2.1 <u>Representação literária de vozes femininas</u> .....	28
1.3 <u>Trajetórias femininas em O Alegre Canto da Perdiz</u> .....	30
1.3.1 <u>Subversão do corpo como mercadoria em O Alegre Canto da Perdiz</u> .....	37
<b><u>PARTE 2 – CONFLITOS GERADOS PELO PODER IMPOSTO SOBRE O CORPO</u></b> .....	<b>42</b>
2.1 <u>Gênero no contexto da dominação masculina e poder simbólico</u> .....	42
2.2 <u>Relações de gênero no contexto moçambicano</u> .....	51
2.3 <u>Poder sobre o corpo e conflitos</u> .....	53
<b><u>PARTE 3 - COLONIALISMO</u></b> .....	<b>63</b>
3.1 <u>Retratos coloniais em O alegre canto da perdiz</u> .....	69
3.2 <u>Colonos x Assimilados: quem tem o status de cidadão?</u> .....	77
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	<b>83</b>
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b> .....	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

*O Alegre Canto da Perdiz* inicia mostrando uma mulher nua na beira do rio: “Um grito coletivo. Um refrão. Há uma mulher nua nas margens do Rio Licungo. Do lado dos homens.” (CHIZIANE, 2018, p.7). Essa é a forma como Paulina Chiziane introduz o leitor ao ambiente colonial de Moçambique, o primeiro contato com a obra já nos mostra um corpo feminino sendo marginalizado quando diz: “Quem é essa mulher que tem coragem de se banhar no lugar privado dos nossos homens, quebrando todas as normas do local, quem é?” (CHIZIANE, 2018, p.7), isso provoca uma relação conflituosa entre as mulheres porque, somente com a sua presença, ela está questionando o poder exercido pelas masculinidades em uma sociedade colonizada e patriarcal.

Nesta pesquisa procuramos entender como as mulheres são apresentadas na narrativa de *O alegre Canto da Perdiz*. Buscamos nesse processo de análise entender questões relacionadas a construção da mulher e como ela se comporta dentro das relações de poder, quais os conflitos que mulheres capazes de burlar a convenção social masculina geram? Para o que nos propomos, foram utilizados os estudos de gênero na intenção de compreender essa categoria e os conflitos gerados entre homens e mulheres na narrativa.

O uso e a preocupação com o termo gênero como categoria de análise surgem apenas no final do século XX. Sua ideia está ausente nas teorias sociais pensadas até então. O termo surge na busca e na luta feminista para reivindicar um lugar na sociedade e mostrar que as teorias sociais ainda não tinham conseguido explicar a desigualdade entre homens e mulheres. Mesmo que houvesse pensamentos em torno da questão feminina, identidade sexual etc., o pensamento de gênero relativo a relações sociais ou sexuais não fazia parte das análises. (SCOTT, 1995)

Joan Scott (1995, p. 86) pensa gênero em duas partes, cujas posições iniciais são geradas das ideias de: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Como elemento que integra as relações sociais, o gênero implica “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas” (SCOTT, 1995, p. 86), conceitos normativos que explicam essas representações e estão associados a interpretações elaboradas pela política, religião,

educação e outros campos da cultura que irão fixar a ideia binária dos significados de masculino e feminino, homem e mulher.

Pensamos as categorias de gênero a partir de Scott e Butler e olharemos para as noções de conflito e dominação sobre a ótica de Bourdieu. Para o autor, “as próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre masculino e feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder, ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado...” (BOURDIEU, 2010 p. 112). Nesse sentido, a mulher, mesmo estando em conflito com as relações de poder e dominação, está inserida numa construção de cultura/natureza em que se impõe um sistema patriarcal e uma concepção de masculinidades dominantes.

O estudo literário que fazemos mostra mulheres como Delfina e Maria das Dores presas em normas sociais, elas estão em espaços pensados por masculinidades dominantes, mas a obra também traz uma nova relação/perspectiva de gênero quando as coloca subvertendo esses valores, como é o caso de Maria, no rio.

Refletir sobre “as mulheres” leva-nos a pensar categorias de sexo e corpo em que existe um construto “forçosamente materializado através do tempo”, mas que não é uma materialização completamente formada, sendo esse processo um efeito do poder, e capaz de se rearticular se entendermos que não existe no corpo uma conformidade com as normas de materialização (BUTLER, 2013, p. 154).

Ao pensar as trajetórias femininas temos a necessidade de olhar os movimentos marcados por determinações sociais, históricas, culturais e políticas das construções de quem se torna mulher (não só no biológico, mas nas relações com o mundo social), bem como traz a necessidade de verificar como narrativas literárias representam a subordinação da mulher à dominação do sexo/corpo, além de como e quando a relação entre masculino e feminino gera conflito e conseqüentemente algum tipo de violência.

Delfina é uma das personagens principais, sendo a partir de sua história e suas escolhas que a vida de outras personagens como suas duas filhas, Maria das Dores e Maria Jacinta, vão se desenvolver. Delfina é prostituta, mulher negra que gera interesse nos homens brancos: a história é narrada no período colonial e mostra toda a opressão das estruturas sociais que subjagam mulheres, que, além de inferiorizadas pelo gênero, vão, dentro de uma sociedade colonial, ser inferiorizadas pela raça. A história acontece em

Moçambique e conta a vida de uma mulher marginalizada, narra seus conflitos e a sua busca por liberdade.

Como romance é ambientado em um espaço colonial, para pensar a colonização partimos dos estudos de José Luiz Cabaço (2009). A colonização sofrida por Moçambique vem muito associada ao catolicismo: a Europa veicula a ideia de que os moçambicanos (e não-europeus em geral) são seres selvagens e sem Deus. Dessa forma, a força colonial propaga a sua superioridade europeia e propõe a assimilação de sua cultura por parte do africano, essa assimilação será mais um processo de violência vivido pelos moçambicanos na busca por ser aceito como cidadão, ou ser visto como gente.

Assim, as questões de gênero levantadas no romance foram discutidas com o suporte do quadro teórico sobre violência, conflito e gênero, acompanhadas das revisões bibliográficas das categorias de gênero, sexo e corpo que revestem a noção de “dominação masculina” e suas relações políticas, religiosas, sociais e culturais. Já as questões sobre o colonialismo foram pensadas a partir de suportes que tratavam das literaturas coloniais, assim como sobre a violência colonial, a noção de moçambicanidade e colonialidade.

Para a explanação das ideias propostas, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado *Literatura e as Narrativas de Violência*, analisei O alegre Canto da Perdiz usando uma ótica literária que serviu para pensar a violência escrita na literatura e evidenciada nessa história moçambicana. Trabalhei as trajetórias das personagens Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta, assim como, o silenciamento que elas sofrem no período colonial e pós-colonial, nesse capítulo utilizei como base os estudos de literatura moçambicana escritos por Francisco Noa.

Em *Conflitos Gerados Pelo Poder Imposto Sobre O Corpo*, segundo capítulo, abordei as relações de gênero e o conflito percebido na narrativa. Apresentei como análise inicial o entendimento das relações de poder que configuram as relações entre os personagens da obra. Assim, procurei refletir sobre gênero, poder e dominação tendo como base teórica Judith Butler, Michael Foucault e Pierre Bourdieu. O capítulo trabalha tanto as relações de poder impostas ao corpo feminino, como a não conformidade que esses corpos expressam com as estruturas sociais preestabelecidas para o seu funcionamento.

O terceiro capítulo, *Colonialismo*, abordei a colonização e como essa realidade colonial aparece na narrativa de Chiziane. A relação nesse ponto é estabelecida entre as histórias de Jose dos Montes e Lavaroupas da Silveira para entender a forma como eles lidam com os processos de assimilação ao qual se submetem e as consequências que isso gera nas suas relações. Nessa última parte faço a relações entre a violência compreendida pelo período colonial e as relações de gênero, aprofundando a forma como a autora constrói essas masculinidades que estão entre posições de poder e o que acontece com eles quando o poder é questionado. Faço ainda a relação entre os colonizadores e os colonizados usando José Luiz Cabaço (2009) para pensar essa sociedade moçambicana estruturada entre colonos, assimilados e escravos.

Dessa forma, esse texto se estrutura em uma sequência de capítulos que partem de uma análise sobre as relações de gênero e suas consequências estarem estruturadas dentro de um sistema de poder e dominação que acaba gerando conflitos e violências.

## PARTE 1 - LITERATURA E AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA

Jaime Ginzburg, em sua tese intitulada *Crítica em Tempos de Violência* (2010), discute que a crítica literária, assim como os estudos de teoria, precisam olhar para o texto literário sem desvinculá-lo das realidades sociais, principalmente quando essas narrativas evocam contextos de ditadura, colonização, escravidão etc., pois apesar da necessidade de olharmos para valores estéticos, não devemos dissociar o fazer literário das realidades do mundo social, nem pressupor consensos absolutos sobre como olhar para a literatura.

A análise literária precisa pensar o contexto social em que está sendo escrito o texto, porque a literatura irá mexer com a memória, tanto com a individual como com a coletiva. Uma narrativa traz um conhecimento acerca da vivência de povo de modo a propor reflexões necessárias. A respeito disso, Ginzburg escreve:

As referências temporais também são fundamentais. Não é verdade que escravos do século XIX tenham a mesma experiência que profissionais liberais do século XX. Não é verdade que as condições de vida de indígenas no século XVI correspondam àquela em que vivem os poucos grupos de indígenas no presente momento no país. Supor que existam "verdades eternas" capazes de expressar a experiência da condição humana em meio a todas essas diferenças culturais e históricas é mais do que idealismo. É um falseamento, ideologicamente conservador, dos mecanismos de opressão. (GINZBURG, 2010, p. 14)

O autor ainda relaciona a literatura com os processos históricos que evocam contextos de violência, podemos pensar que os textos literários carregam os traços sofridos pelas sociedades em processos de subordinação, silenciamento e dominação. A opressão social pela violência busca regular a vida contemporânea e a memória do povo e a literatura exprime esses fantasmas e resíduos, expõe as marcas para cobrar ação mediante essa perplexidade.

A literatura moçambicana terá inicialmente dois momentos, um é a manifestação do texto escrito pelo próprio colonizador, ou pelos escritores ligados ao regime colonial e outro é o texto que surge nos movimentos de libertação, esse é o que vem com os traços de denúncia e que busca se firmar como o movimento literário moçambicano. Esse texto que surge da necessidade de expressar as experiências e memórias do povo é visto como uma literatura colonial e, segundo Francisco Noa, toda produção que situa o período de colonização será entendido dessa forma. O autor diz:



a literatura colonial, sendo toda a escrita que, produzida em situação de colonização, traduz a sobreposição de uma cultura e de uma civilização, manifesta-se no relevo dado à representação de vozes, das visões e das personagens identificadas com um imaginário determinado. Isto é, trata-se de um sistema representacional hierarquizador caracterizado, de modo mais ou menos explícito, pelo predomínio, num espaço alienígena, de ordem ética, estética, ideológica e civilizacional, nesse caso, vinculadamente eurocêntrica. (NOA, 2019, loc. 248)

A violência da Colonização vista dentro de relações de poder, também é encontrada na produção literária, não apenas nas histórias narradas, mas no discurso que se insere na sociedade e busca regular a vida e o pensamento de escritores, assim como o que eles escrevem em seus textos. Daí temos um cenário que se desloca do lugar ocupado por esse escritor e das experiências que vivencia, até o que insere no seu texto e a visão que ele trará sobre a Moçambique colonizada que engloba todo um processo violento social, religioso, físico e de gênero.

Rita Chaves (2005) pensa a literatura moçambicana como um lugar que irá ressaltar as angústias e trazer as marcas de uma consciência que foi atormentada, porque o texto estará inserido na realidade histórica, então Moçambique e tudo que expressará o lugar, tem contato com a memória do povo.

A literatura será utilizada como um veículo de resistência e de conscientização na tentativa de trazer consciência sobre o colonialismo, ela será usada como um instrumento do poder. Noa, usando as relações de poder teorizadas por Foucault, trabalha as bases dessa literatura moçambicana com as ideias do contrapoder. Para toda forma de controle propagado por um discurso dominante existe outro que vai à contramão das normas estabelecidas. Nesse caso, a literatura é uma forma de arte que possibilita movimentações capazes de desestruturar a norma porque irá apresentar possibilidades.

E diríamos nós, sem necessariamente nos contrapormos a este incontornável pensador do nosso tempo, que é no espaço da cultura, em particular da literatura, enquanto devir recriado, espaço de ilimitadas possibilidades, onde superiormente são afrontadas e rompidas essas mesmas grades.

Enquanto exercício da imaginação e de liberdade interior, enquanto lugar de representação e de reinvenção do mundo, a literatura, na esteira dos protocolos que lhe são intrínsecos, é verdadeiramente um dos poderes mais temíveis por exatamente fazer estremecer qualquer grade por mais cerrada que ela seja. (NOA, 2017, p. 77)

As narrativas moçambicanas iniciadas a partir de um movimento como o da década de 40, que será conhecida como “Primeira Geração”, buscam ir de encontro ao

poder instituído na intenção de confrontá-lo. Isso é percebido tanto na produção colonial, na intenção de incomodar as instituições políticas ainda vigentes, quanto na pós-independência, para reforçar os ideais revolucionários que surgiram com os escritos da década de 40, na busca por uma identidade literária moçambicana que já não estivesse vinculada ao colonialismo. Essa literatura traz em seu corpo aspectos do meio social ao qual está inserida e reivindica seu espaço próprio. Francisco Noa esclarece que

A violência, segundo Hannah Arendt, opõe-se a discurso, ou, se quisermos, ao próprio sentido de poder como Foucault já o havia definido. O que significa que narrar a violência é, por conseguinte, uma afirmação de poder. É negar-lhe a lógica e denunciar toda a irracionalidade que lhe é subjacente. Fato que levará o sul-africano Ndjabulo Ndebele a desenvolver toda uma reflexão numa intervenção intitulada “Should literature be political?” (2012) onde fundamenta a inevitabilidade de a literatura na África ter de ser política, face às pressões e ameaças generalizadas do presente e às incertezas em relação ao futuro coletivo dos africanos. (NOA, 2017, p. 84)

Essas narrativas revelam o que foi sofrido pelo lugar; o conflito trazido pelo colonialismo será mostrado na ficção carregando a história do povo africano quando da colonização portuguesa.

*O Alegre Canto da Perdiz* será uma dentre o significativo número de produções literárias que já sofreram processos de marginalização e tiveram que lutar por um reconhecimento dentro do cânone, e que continuam na busca por um lugar no meio literário, social e político. A narrativa conta a história de mulheres negras que foram caladas por masculinidades e por um sistema patriarcal.

O Alegre Canto narra a vida de Delfina, uma mulher negra que depois de ter sua virgindade vendida pela mãe, Serefina, se torna uma prostituta conhecida em parte da Zambézia. Em uma de suas voltas pelo cais ela conhece José dos Montes, um preto condenado. Os dois se apaixonam e decidem se casar para matar o amor, mesmo essa relação sendo malvista por Serafina. Delfina e José dos Montes têm dois filhos, Maria das Dores e Zezinho.

Maria das Dores é a mais velha de quatro irmãos, é uma menina explorada pela mãe e que acaba sempre cuidando de todos os seus irmãos mais novos. Ela também tem sua virgindade vendida pela mãe, Delfina, quando o segundo marido da mulher, um português que largou a família para ficar com Delfina, decide ir embora. Esse homem é Soares, o pai de Maria Jacinta e Luisinho, filhos mestiços que Delfina gerou. Maria das

Dores é roubada pelo seu estuprador, o bruxo Simba, e passa a viver com ele, presa e sendo sempre drogada e alcoolizada vai perdendo aos poucos a sua sanidade. Com esse homem ela gera três filhos, Benedito, Fernando e Rosinha. Sabendo que vivia infeliz com Simba decide fugir e leva consigo seus filhos, esse processo de fuga gera uma exaustão que culmina na perda dessas crianças e no enlouquecimento de Maria, ela se torna a louca do rio, apresentada no início da narrativa.

Maria das Dores tem um vínculo muito forte com sua irmã, Maria Jacinta. A menina mestiça, filha de Delfina com Soares, carrega dois principais sofrimentos que dão o tom de sua história. O primeiro é o espancamento do avô, situação que a faz perceber a diferença racial entre ela e parte de sua família, inclusive Maria das Dores. O segundo é a perda da irmã, que a faz conflitar com Delfina e ir embora de casa levando os irmãos Zezinho e Luisinho. Jacinta não consegue salvar Dores, e estabelece o resgate da irmã como um quesito para voltar a ter um relacionamento com Delfina.

Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta misturam suas histórias com homens como José dos Montes, condenado que depois de casar-se com Delfina aceita a assimilação e se torna um sipaio. Soares, patrão de José, que assedia Delfina e depois acaba largando a esposa para viver com ela. Simba, bruxo e amante de Delfina, que enfeitiça Soares, e estupra Maria das Dores. José, Soares e Simba são homens que carregam os traços e mazelas da colonização, assim como elas irão carregar as consequências desse mesmo processo colonial. O contato com eles vai gerar conflitos na vida dessas mulheres e consequências para suas relações.

Essas mulheres demonstram o silenciamento sociocultural enfrentados pelo país durante a colonização. Neste sentido, o texto se entrelaça a essas questões para evidenciar e para criticar a violência executada contra indivíduos subalternizados e provocar reflexões a respeito dessas injustiças.

As mulheres passam por diversos tipos de imposição quando tentam reivindicar seus espaços. Assim, temos a violência patriarcal do lugar, exercida pelo próprio povo africano, reforçada pela opressão trazida pelos colonizadores, fazendo com que elas sofram uma dupla violência. De todo modo, podemos perceber que essa produção literária não irá fugir de um cenário moçambicano que subordina um gênero. Pelo contrário, evidenciar esses atos tem como efeito o desordenamento da norma pré-estabelecida quando coloca mulheres marginais ocupando lugares masculinos.

É o que acontece no início da narrativa “Há uma mulher nua nas margens do Rio Licungo. **Do lado dos homens**” (CHIZIANE, 2018, p.7). A presença de Dores, desde o início da narrativa, já pratica a desordem, a forma como a obra se inicia já nos diz que essas mulheres não terão uma visão convencional da tradição, nem do patriarcado. Ela é percebida como uma infratora, porque quebra as regras do local, porém sendo ela uma personagem que não atende mais a essas normas de regulação, porque transita para a loucura, na sua visão o lugar dos homens não existe.

O confronto nos faz pensar que essas mulheres que condenam Dores perderam a capacidade de se reconhecer, elas estão furiosas porque são obrigadas a olhar a mulher no rio e de algum modo encarar as suas próprias formas, o que elas são e o que foram criadas para ser.

A imagem de Maria distorce o sentido mágico da nudez das sereias. Parece trazer o presságio da tempestade à flor da pele. Os corações se dilatam de piedade. De medo. Há mensagens de perigo escondidas nas linhas nuas do corpo. (CHIZIANE, 2018, p. 11)

A passagem mostra que para aquelas mulheres o incômodo da nudez funciona quase com um agouro, elas não estão preparadas para as mudanças dos novos tempos que o corpo nu de Dores sendo exibido na margem do rio representa. Esse corpo sendo exibido anula a representatividade que o lugar dos homens teria, é o lugar deles, mas está sendo ocupado por uma mulher louca e nua.

Das Dores tem consciência do que provoca nas mulheres que a observam, ela pensa “Ah, minha mãe, eis-me aqui à beira do caminho. Ao lado do vento amigo. Na margem de um rio desconhecido. Perseguida por mulheres tristes” (CHIZIANE, 2018, p.12 -13). Apesar de ser narrada como uma mulher que entra num estado de loucura, a personagem faz associações que remetem a sua dor, como é o caso dos seus pensamentos estarem vinculados a um diálogo que poderia ter com Delfina, a mãe que a abandonou e com quem não tinha essa possibilidade de dialogar.

A nudez que elas viam não é minha, é a delas. Dizem que não vejo nada e enganam-se. Cegas são elas. Gritam sobre mim a sua própria desgraça e me chamam louca. Mas loucas são elas, prisioneiras, cobertas de mil peças de roupa como cascas de cebola. Com o calor que faz. (CHIZIANE, 2018, p.13)

Das Dores percebe o que o ódio das mulheres representa e de onde ele vem, a imagem dela se associa à liberdade, ela não usa roupas, está sentada no rio como se fosse uma rainha, traz no corpo as marcas de todo o processo da vida e não tem a noção moral (ou lucidez) que a faria cobrir o que ela se tornou. Ela é apresentada como uma mulher tão negra quanto as esculturas de pau-preto, é tatuada no ventre, nas coxas, nos ombros e isso mostra os processos e rituais de amadurecimento que ela passou e se relacionam com rituais femininos de escarificação e tatuagem características de algumas etnias moçambicanas, porém, também é descrita como pequena e frágil o que faz do seu amadurecimento um processo bruto e violento.

Além disso, há também o momento em que a mulher do régulo toma o lugar do marido, se coloca como a sábia do lugar, e quando tem sua voz ouvida ela fala sobre corpo e mitologia, rememora a base de uma sociedade africana/ moçambicana matriarcal e as ideias de que a divindade era feminina, de um momento em que o feminino era respeitado e detentor de poder, faz isso tentando resgatar a essência das mulheres que condenam a louca do rio. A mulher do régulo serve como uma ponte entre o que ser mulher representa quando acontece a narrativa e o passado que precisa ser lembrado para a construção de um novo futuro.

### **1.1 Vozes da literatura moçambicana**

Jaime Ginzburg (2010) traz a ideia do silenciamento associado ao trauma e consequentemente à repressão, o qual acontece pela imposição disfarçada (às vezes explícita em contextos como os da Colonização ou de Ditaduras) e as tentativas de controle sobre o outro. A violência está diretamente ligada ao silenciamento, sendo a supressão da voz alheia uma das formas de opressão.

Segmentos sociais excluídos por forças repressoras, muitas vezes, tiveram suas vivências relatadas por discursos oficiais de modos distorcidos, restritivos ou manipulados. Grupos reificados pela escravidão, por preconceitos e por violência institucional, muitas vezes, não tiveram a devida oportunidade de apresentar seus pontos de vista sobre as transformações históricas. Tratados como objetos do conhecimento oficial, muitas vezes foram reduzidos a resíduos de si mesmos, tendo suas vivências ocultadas ou esquecidas, pelas narrativas contadas em linguagem autoritária por governos repressores e instituições disciplinares hostis (GINSZBURG, 2010, p. 116)

Nesse sentido, a produção literária traria também silenciamentos quando regulada e monitorada por poderes opressores que estabelecem dentro da sociedade o que é ou não

considerado literatura de qualidade, e formando, assim, o cânone literário. Entretanto, caberia aos oprimidos pelas regulamentações da academia e do Estado fazer-se ouvir? As noções sobre o direito à literatura vêm de encontro aos movimentos políticos que buscaram silenciar as vozes de escritores, principalmente quando essas literaturas trazem o olhar de negros e mulheres, marginalizados pelo sistema, e dar a eles voz.

Ginzburg escreve que esses movimentos de repressão que chegam até as vozes literárias estão associados à supressão de direitos dos indivíduos na sociedade e cita Veena Das e Arthur Kleiman:

De modo geral, a civilização ocidental procurou, de modo ambivalente, enquanto sustentava e incentivava práticas da violência, criar condições para o silenciamento a respeito de seus agentes. Uma testemunha de um crime violento pode preferir ficar calada a relatar o que viu, por se sentir de algum modo ameaçada. Uma vítima de agressão pode evitar relatar aos outros sua expressão, por não ter segurança quanto às suas reações. (2010, p. 127)

Como resultado desses processos de silenciamento, a sociedade passa por buscas para firmar uma identidade, e os movimentos culturais - aqui relacionamos a literatura como um dos mais importantes - se desenvolvem em torno disso quando trazem essas vozes marginalizadas para lugares de foco na intenção de dar voz.

As literaturas africanas em língua portuguesa trazem aspectos tanto relativos à negritude quanto às ideias sobre africanidade, aqui mais precisamente a noção de moçambicanidade. Nesse sentido, parte desses movimentos literários elabora uma busca pelas naturezas dessas literaturas produzidas em países que sofreram com os processos de colonização. A intenção está em dar voz aos que foram oprimidos, e esse processo passará por diversos tipos de críticas que não reconheciam na produção associada a essa moçambicanidade a ideia de literatura moçambicana.

A colonização na África subtrai o direito à voz e, quando não tem nessa repressão um movimento eficaz, os discursos produzidos pelos colonizadores tentam desvalorizar essas vozes africanas que aparecem na literatura narrando à violência e a tirania do europeu no continente africano.

O fazer literário africano fará movimentos para se afirmar como produção, há a relação entre a consciência política e a história, mas os textos terão essas distinções muito explícitas quando se fala de literatura colonial e de uma literatura nacional (ligada a

moçambicanidade). Nazir Ahmed Can (2020) observa a separação entre a escrita colonial, que se propõe a olhar as estratégias do regime colonial e romantizá-las, tratando o colono como herói e silenciando as populações locais. Já a literatura que chama de nacional faz uma observação dos espaços e das experiências vividas pelo povo. De todo modo, ambos os processos literários irão coexistir, mesmo que entre diversos atritos.

A consciência crítica a respeito dos processos de violência vividos em Moçambique registra-se em algumas histórias literárias produzidas à época. Essa produção é conhecida com o surgimento de um movimento que tenta modificar a forma como o texto e como o moçambicano serão narrados, nesse caso, existe uma recriação da linguagem que será usada, a literatura moçambicana será um sistema em construção. Esse movimento de literatura independente objetiva transgredir o lugar em que o negro é estereotipado e as tentativas de apagamento cultural, além de chocar o poder dominante.

Noa (2019) atribui o surgimento dos principais traços que compõem a literatura moçambicana à década de 40, e essa produção será conhecida como "Primeira Geração". Os escritos anteriores a esse período direcionam-se para um público de portugueses e de assimilados<sup>1</sup>, já que grande parte dos moçambicanos, entre o período colonial e pós-independência, eram considerados analfabetos<sup>2</sup>.

A partir da década de 40 surge a noção de uma moçambicanidade presente na produção que tem como intenção resgatar a voz do moçambicano oprimido, mas toda produção nesses período em Moçambique, mesmo direcionada ou escrita para portugueses e assimilados, também denota uma literatura moçambicana, o retrato atual da produção dessa literatura tem todo o corpo colonial presente na sua formação até porque o processo colonial faz parte da história de Moçambique, sendo impossível apagar o que o colonialismo fez na história e também na historiografia local.

---

<sup>1</sup> Assimilados eram pessoas que nasciam em Moçambique, ou eram filhos da miscigenação de portugueses e moçambicanos, que abdicavam da cultura africana e tomavam como princípio religioso e econômico o do colonizador. Nesse sentido, os assimilados eram privilegiados quando considerados do ponto de vista dos africanos que não renunciavam a sua cultura, mas estavam abaixo dos portugueses (colonizadores), nunca tendo posições de poder maior do que a do branco colonizador, por exemplo. A ideia sobre a assimilação é controversa, alguns teóricos relatam que os assimilados não são nem negros, nem brancos, e essa percepção anulava a questão da identidade, ou seja, o assimilado seria um indivíduo sem bases identitárias. (SANTOS, 2015)

<sup>2</sup> Como as línguas africanas foram rejeitadas dentro dos processos de educação/comunicação aplicados, em África, pelo colonizador, em detrimento do português, grande parte dos moçambicanos eram considerados analfabetos, pois os meios de comunicação eram veiculados em português para servir à Colônia e aos assimilados, que podiam ter acesso à educação. (NOA, 2019)

As primeiras publicações que vão surgindo como construções da literatura moçambicana aparecem com uma estrutura semelhante à imagem de outras literaturas saídas de espaços de domínio colonial, principalmente as que possuem língua oficial portuguesa. Como foi pensada para ter voz representativa contra os domínios dos colonizadores, essa literatura mantém relação com os contextos históricos e sociais que vão surgindo dentro e fora das obras.

Anteriormente aos escritos da década de 40, havia a propagação de escritos conhecidos como literatura dos assimilados, sendo também uma elaboração vinda dos próprios colonizadores, que era veiculada como literatura moçambicana. Dentre as manifestações de arte dos assimilados é que surge a literatura conhecida como autobiográfica, sendo o primeiro autor nessa relação que surge como literatura moçambicana João Albasino que escreve a obra ultrarromântica *O Livro da Dor* (NOA, 2019)

O movimento que surgiu como “Primeira Geração” buscou uma inteligência literária e nacionalista que visava a necessidade de uma literatura moçambicana consciente. Essa geração envolvia-se com as questões socioeconômicas e políticas de Moçambique e trazia esse movimento para o texto literário. A partir disso, iniciou-se uma literatura com tons de revolta contra o colonialismo, erguida como denúncia que procurava uma identidade (que ainda está em construção). Há nesse movimento uma carga de posicionamentos contra as injustiças e violências vinculadas à colonização. A geração responsável por essa nova imagem da literatura de Moçambique é composta por Fonseca Amaral, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Orlando Mendes, Virgílio Ferreira<sup>3</sup>, Anibal Aleluia, Rui Knopfli, Rui Nogar. (NOA, 2019)

Luís Bernardo Honwana é o autor de *Nós Matamos o Cão Tinhoso!* e sua obra passa por esse processo de desvalorização quando criticado por Rodrigues Júnior, escritor e crítico favorável ao regime colonial, com a intenção de diminuir as críticas que Honwana direcionava ao regime em sua obra, fazendo a ridicularização da escrita do autor, assim como de sua obra. Sobre isso, Santos (2015) observa:

Depreende-se da crítica de Rodrigues Júnior, que os africanos colonizados, mesmo que letrados, deviam permanecer calados, não podiam denunciar os abusos cometidos pelos portugueses contra eles.

---

<sup>3</sup> Francisco Noa cita Virgílio Ferreira como parte desse movimento na literatura moçambicana, porém o autor que faz parte dessa geração é Virgílio de Lemos. Vergílio Ferreira é um escritor neorrealista português da década de 60.



Apesar de Luís Bernardo escrever, era apenas “um belo moço”. Tanto ele como os outros africanos deveriam atender aos interesses da Metrópole e não questionar a conduta política e social do regime colonial português em relação aos colonizados. Luís Bernardo Honwana, por ter nascido e se criado em Moçambique, faz uso da sua experiência pessoal, da sua própria condição de negro e de colonizado o centro de análise de suas narrativas. (p.50)

A abordagem utilizada por Rodrigues Junior se baseia na ideia de que não existe literatura moçambicana. Para falar sobre a obra de Honwana, o crítico declara que essa literatura seria apenas ultramarina, pois reflete os anseios do homem. Além da crítica clara a forma como o mercado apresenta *Nós Matamos o Cão Tinhoso!*, Rodrigues ataca Honwana de forma pessoal, sua declaração sobre o livro é de que é “um livro mau” (MACHUDE, 2004, p. 6 - 7).

O movimento literário moçambicano tem parte dos seus textos difundidos por meio da imprensa, ela veicula e abre espaço para a produção criando um movimento de conscientização em relação as demandas sociais e os problemas que se estruturam na sociedade moçambicana desde a colonização. Essa forma de produção associada ao meio jornalístico irá continuar predominante até meados da década de 80.

A imprensa, segundo Noa (2017), é fator fundamental para a divulgação literária e será responsável por firmar uma visão social servindo também como forma de pressionar o poder político antes da independência de Moçambique.

A partir da instalação da imprensa, fato que ocorre apenas no século XIX, teremos na luta contra o colonialismo o surgimento do jornal *O africano*, e posteriormente *O brado africano*, fundado por João Albasini (autor de *O Livro da Dor*) e seu irmão José Albasini, as publicações eram feitas na língua colonial e em ronga, língua nativa do Sul de Moçambique.

Na geração de 40, que se torna responsável por pensar a necessidade da construção de uma “identidade moçambicana” há a volta do periódico *Itinerário*, a geração vinculada a essa produção é a que se envolve de forma mais assídua com a ideia de moçambicanidade, além de publicar sobre a realidade sociopolítica a qual estavam associados tendo a necessidade de denunciar a violência praticada no período colonial.

É apenas na década de 80 que surge a revista *Charrua*, importante produção como parte do movimento de renovação da literatura moçambicana, a revista surge em contato com a criação da Associação dos Escritores Moçambicanos (EAMO).

A *Charrua* é responsável por divulgar nomes que serão de grande importância para o cenário da literatura moçambicana, são vozes como: Ungulani Ba Ka Khosa, Eduardo White, Armando Artur, Marcelo Panguana, Suleiman Cassamo etc. Outros autores também estão vinculados a EAMO e ao movimento literário propagado pela *Charrua*, entre as décadas de 80 e 90, entre eles temos nomes como de Mia Couto e Paulina Chiziane, autora da obra trabalhada neste texto. (NOA, 2017)

O tom de denúncia da literatura moçambicana tem como princípio contestar os movimentos políticos que marginalizavam e silenciavam essas vozes negras, além de contestar a presença do colonizador e desconstruir a visão de que esses eram mais inteligentes e letrados que os africanos. O silenciamento nesse cenário moçambicano vem nas formas de desqualificação da produção literária negra e chega aos aspectos da violência quando o colonizador prende vários desses escritores. A crítica das obras produzidas pelos moçambicanos era realizada por adeptos e defensores do governo que tinham como objetivo levar a população à crença não apenas da superioridade do colonizador em detrimento do colonizado, como também disfarçar e relativizar os males da colonização.

## 1.2 A literatura de Paulina

Paulina Chiziane é a primeira mulher a escrever romances em Moçambique, no entanto a autora rejeita o título de romancista e constantemente afirma-se como contadora de histórias. Tem suas primeiras histórias literárias publicadas pela imprensa; sua escrita mostra bastante a relação da mulher com a cultura africana e busca modificar os caminhos traçados para a mulher nas sociedades coloniais, sua contação traz traços da oralidade como forma de resgatar a cultura africana, sendo também um traço dessa sua característica de contadora de histórias. A autora fez parte da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), durante a guerra de libertação, porém se desassociou com o final da guerra. A relação, descrita por Chiziane, das mulheres em *O Alegre Canto da Perdiz* trabalha uma visão que busca denunciar o silêncio da colonização e a relação da autora com a Zambézia, onde ela vive e escreve, e onde se passa a narrativa (COSTA, 2013).

Chiziane tem vários títulos publicados, entre eles estão *Balada de amor ao vento*, publicado em 1990, já em 1993 veio seu segundo livro *Ventos do apocalipse*, em 2000 publicou *O sétimo juramento*, em 2002 veio *Niketche – uma história de poligamia*, em 2008 publicou *O alegre canto da perdiz*, em 2013, *Na mão de Deus* e *Por quem vibram*

*os tambores do além*. A autora ainda possui um livro de contos *As Andorinhas*, de 2010, e um livro de poesias publicado em 2017, *O canto dos escravos*, faz parte de uma coletânea intitulada *Imagine Africa*, publicada em 2014. Seu mais recente romance publicado é intitulado *Ngoma Yethu: O curandeiro e o novo testamento*, feito em parceria com Mariana Martins. Além dessas obras, Chiziane possui o ensaio *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*.

A autora se define como uma contadora de histórias: essa denominação aproxima as suas narrativas do povo, remete a traços de oralidade, não são escritos em sua voz pessoal, as histórias que são contadas nas rodas de conversa ao redor da fogueira, como ela relata em muitas de suas entrevistas. Recentemente Paulina ganhou o prêmio Camões, a forma como ela narra o recebimento da notícia em uma entrevista demonstra a simplicidade com que ela se relaciona com sua escrita e com esse meio literário.<sup>4</sup>

Ela diz “foi uma informação feliz”, mesmo depois de relatar que nem lembrava da existência do prêmio devido aos tempos de pandemia da COVID-19, a expressão de Paulina demonstra o reconhecimento da autora que “veio do chão”. Receber um dos maiores prêmios da língua portuguesa situa o choque que coloca em contato essas duas realidades que ela vivência. Até a forma como ela aparece na entrevista, de havaianas, ao redor de uma fogueira serve para nos mostrar a forma como Paulina se percebe.

Nascida em Manjacaze, Mocambique, em 1955, é uma mulher de origem rural e sem formação acadêmica, foi criada em uma família protestante, daí vem a forma como relata Deus e a religião em suas obras. Foi criada em Maputo, uma região com uma cultura machista muito forte. Hoje vive na Zambézia, local onde se passa a história de *O alegre Canto da Perdiz*.

Paulina sempre relata a dificuldade que foi se tornar uma autora publicada, pois o meio editorial é extremamente machista, em algumas entrevistas ela relata os assédios que sofria ainda na juventude. Lidou com o preconceito de ser uma escritora mulher, casou e teve filhos sem renunciar à escrita.

Em *Eu, mulher...por uma nova visão do mundo* Paulina expõe sua visão sobre a mulher na sociedade dizendo,

Nós mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher. (CHIZIANE, 2013, p.6)

---

<sup>4</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2jG4BGhYpcQ>.

Porém destaca que acredita serem poucas as mulheres que em posições de poder realmente se preocupariam com os problemas de outras mulheres, usa o exemplo de Cleópatra, capaz de enlouquecer generais, mas não fez nenhuma “concessão em favor das mulheres”. O lugar de onde Paulina vem se relaciona com a visão que ela apresenta sobre o mundo, sendo uma mulher de etnia Tsonga<sup>5</sup> reconhece a função das mulheres nessas sociedades.

Seu contato com a literatura veio depois de se mudar do campo para a cidade, conheceu primeiro a literatura marginal e somente no segundo nível do ensino secundário teve contato com o que chama de “verdadeira literatura”. Os livros fizeram com que sentisse necessidade de desabafar e assim iniciou sua escrita. Foi marginalizada desde a notícia de sua primeira publicação, principalmente pelos homens, mesmo assim entrou para a Associação dos escritores.

Paulina escreve pensando sobre as mulheres e de que forma a sua escrita contribui realmente para o desenvolvimento da visão sobre elas na sociedade. A partir do seu primeiro contato com a escrita e com as amarguras que sente como mulher depois de seu casamento, começa a pensar sobre sua trajetória e sobre a trajetória de outras mulheres, suas condições sociais, isso se torna seu tema e essas ideias se refletem em suas personagens, como acontece em *O alegre Canto da Perdiz*.

*O Alegre Canto da Perdiz* conta a história de quatro mulheres, Serafina, Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta, elas dividem o cenário principal com dois homens, José dos Montes e Simba. Delfina casa-se com José e com ele tem dois filhos, Maria das Dores e Zezinho. Com o segundo marido, Soares, Delfina tem outros dois filhos, que nascem mestiços, Maria Jacinta e Luisinho. Maria das Dores é a filha que terá a virgindade negociada; nesse processo vira prisioneira de Simba com quem acaba casada, ela gera três filhos, que serão perdidos depois de sua fuga para os montes em Gurué, Benedicto, Fernando e Rosinha.

Serafina é a mãe de Delfina, a mulher é contra o primeiro casamento da filha porque José dos Montes é um homem preto, um condenado. Parte das escolhas de Delfina serão um reflexo de sua mãe, como é o caso de se tornar prostituta, já que teve sua virgindade comercializada.

---

<sup>5</sup> Os Tsonga são uma etnia em que há o lobolo, essa tradição será explicada no segundo capítulo desta dissertação.

José dos Montes depois de se casar com Delfina se assimila ao regime colonial português e passa a ser um sipaio, mesmo com a condição de vida dele e da mulher melhorando isso continua não sendo suficiente e Delfina se relaciona com o patrão de José, o branco Soares. José quando descobre o filho mestiço vai embora abandonando Maria das Dores, que irá sofrer bastante com a ausência e o abandono do pai.

Simba é um personagem ligado à Delfina, ele é o feiticeiro dela, esse homem fará um feitiço para prender Soares a Delfina e por conta dessa relação que Delfina tem com Simba ela acabará prometendo a virgindade de Maria das Dores como forma de pagamento. Esse bruxo se opõe a outro personagem que também é feiticeiro, Moyo, porém esse se vincula mais a José dos Montes.

A partir do momento em que é estuprada por Simba, a vida de Maria das Dores se torna muito complicada e sofrida. Ela tinha um vínculo forte com a irmã mais nova, Maria Jacinta, que depois de um tempo da partida de Dores também vai embora da casa da mãe levando consigo seus outros dois irmãos. Jacinta tem um rancor de Delfina que é expresso pelo distanciamento e pelo atestado de insanidade que arruma para a mãe.

Dores é mantida na casa de Simba, o feiticeiro acaba fazendo de Dores uma mulher com dependência química e para conseguir controlar a herança que ela recebe do segundo pai, Soares, coloca um atestado de insanidade na mulher. Quando chega ao limite e vendo a miséria e o sofrimento que os filhos também passam Maria das Dores decide fugir com seus três filhos da casa de Simba.

Ela vai parar em Gurué, nos montes Namuli, onde pelo cansaço e torpor do que viveu até ali acaba desmaiando e sendo levada ao hospital, junto com Benedicto, Fernando e Rosinha. Quando acorda no leito e percebe a ausência dos filhos Maria enlouquece e passa a transitar pelos espaços, sendo conhecida como louca por todos.

A narrativa de *O alegre Canto* não é linear, por isso temos logo no início Maria sendo apresentada como a louca do rio que se banha nua no lado dos homens.

Os filhos de Maria das Dores têm contato com ela, porém não imaginam que seria sua mãe, isso só acontece quando Dores conta sua própria história e nisso os filhos acabam a reconhecendo e ela recupera a sua lucidez.

### 1.2.1 Representação literária de vozes femininas

Para falarmos das trajetórias femininas em *O Alegre Canto da Perdiz* precisamos primeiro passar pelo processo de silenciamento das mulheres nas sociedades africanas.

Entender o lugar delas na sociedade nos auxilia na análise dos movimentos trabalhados nas obras, já que na cultura africana o lugar pensado para as mulheres está associado ao da subalternidade, em geral elas são referidas como produto. Entendendo essa posição, sabemos que há o agravamento desse fato quando a cultura do colonizador entra em contato com a cultura do colonizado. Assim, elas passam a ter valor econômico nas suas relações com o homem africano e, conseqüentemente, é-lhes imposto mais um valor no contato com os homens do poder. A respeito dessa questão, José Benedito dos Santos (2015) escreve:

No contexto do patriarcado africano, a mulher não somente exerce o papel de reprodutora. Mas também o de esteio econômico da família. Essa situação piorou com a presença do colonizador português em Moçambique, na última década com século XIX. A mulher africana, que já era responsável pelas tarefas agrícolas para manter a família, como já apontara Oliveira (2002), teve a jornada de trabalho triplicada, porque foi obrigada, também, a cultivar as terras do colonizador, restando-lhe pouco tempo para cultivar as suas propriedades que se destinavam à subsistência familiar. (SANTOS, 2015, p. 83)

A mulher moçambicana é um indivíduo marginalizado pelo gênero. Elas não possuem poder de decisão, todas as suas escolhas passam pela aquiescência de uma personalidade masculina, ou seja, as mulheres são o que a sociedade permite e, aqui, acrescentamos que elas se tornam o que um poder masculino lhes reserva. Sendo assim, a relação social construída é a de que a mulher é pretexto para a existência de um homem, ela vive, existe e tem valor em relação a uma masculinidade. É ainda Santos quem observa:

A persistência do patriarcado, na sociedade moçambicana pós-colonial é um dado fundamental para entender o lugar social ocupado pelas mulheres, para as quais foi negado, também, igual acesso aos direitos e recursos do novo estado-nação, contrariando o discurso utópico dos ideais revolucionários que preconizava uma sociedade mais justa para todos. (SANTOS, 2015, p.89)

Desse modo, quando pensamos que no meio patriarcal as mulheres têm como formadores de sua identidade os seus relacionamentos com homens e que a existência delas como indivíduos de direito está associada ao contexto familiar e ao casamento - e nisso há o seu trânsito de uma situação em que é filha, e não por isso menos marginalizada, para a situação de esposa - vemos que há apenas a sua troca para “a que homem ela pertence”. É na desconstrução desse pensamento que o texto de Chiziane irá trabalhar, quando temos as personagens negando essas funções impostas e ocupando

lugares pensados para serem masculinos. Pensar sobre como a personagem Delfina é construída nos ajuda a entendermos que ela não aceita o que o lugar lhe impõem, nem a ele se limita. É uma prostituta que casa, coisa incomum para mulheres que vivem do corpo num contexto moçambicano, e o faz não apenas uma vez, mas duas, exercendo todas as relações que para essa sociedade ela não poderia ter. Delfina subverte os quereres e se apossa, pega para si, sem pedir licença ou desculpas.

### 1.3 Trajetórias femininas em *O Alegre Canto da Perdiz*

Ao analisarmos a trajetória de vida das personagens centrais de *O Alegre Canto da Perdiz*, percebemos situações que mudam a visão sobre essas mulheres que estão sendo narradas e temos a possibilidade de observá-las para além do aspecto da não conformidade dos corpos com os espaços ocupados, as personagens são apresentadas como mulheres que mexem com as estruturas previamente estabelecidas para as sociedades coloniais, principalmente fundamentadas sobre as bases do patriarcado na intenção de continuar ideias que elaboram o homem como ser superior.

Thomas Bonnici (2002), em *Representação feminina na literatura da África do Sul*, relaciona os estudos sobre colonialismo aos que irão abordar o feminismo na intenção de associar diretamente os tratamentos inferidos às mulheres nessas sociedades que como coloniais se relacionam com os modelos patriarcais, diz: “[...] se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada (p.92)”. Essa ideia informa que os povos que habitavam na África já tinham modelos sociais androcêntricos pré-colonização.

A mulher do régulo conta uma história que se aproxima dessa noção de dominação. O mito fala sobre o matriarcado, ou como parte da sociedade africana tem suas origens mitológicas baseadas em linhagens matrilineares e na dominação das mulheres sobre os homens pela inteligência ao invés da força. A narrativa se volta para uma tomada de poder pelos homens que acabam por colocar as mulheres em um lugar de submissão.

No princípio de tudo. Homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. As mulheres usavam tecnologias avançadas, até tinham barcos de pesca. Dominavam os mistérios da natureza e tudo... eram tão puras, mais puras que as crianças numa creche. Eram poderosas. Dominavam o fogo e a trovoada. Tinham já descoberto o fogo. Os homens ainda eram selvagens, comiam carne crua e alimentavam-se de raízes. Eram canibais e infelizes. Um dia, um homem jovem tentou atravessar o rio Licungo, para saber o que havia. Ia afogar-se quando aparece a linda jovem, sua salvadora, que meteu o

homem no seu barco. Como houvesse frio, a jovem tentou reanimar o moribundo com o calor do seu corpo. O homem olhou para o corpo dela, completamente aberto, um antúrio vermelho com rebordos de barro. Ali residia o templo maravilhoso, onde se escondiam todos os mistérios da criação. E depois... (CHIZIANE, 2018, p. 17, 18)

A linguagem da mulher do régulo se aproxima a dos mitos de criação, ela usa as palavras para criar imagens na cabeça das mulheres novas, que as faça compreender a criação do mundo pela narrativa desse conto matriarcal. A senhora usa a voz para encantar enquanto relata a forma como, no princípio, as mulheres perderam o poder e foram dominadas.

Essa senhora é vista como uma “exímia contadora de histórias”, ela fala de maneira a convencer, trabalha as pausas e usa a tonalidade certa, ela pacifica as mulheres que até então estavam revoltadas com a presença de Dores nua nas margens do rio.

Usa a sutileza para trazer as histórias sobre amor e liberdade moldando a visão das outras mulheres sobre o motivo delas terem encontrado uma mulher nua quebrando as regras do local.

— Pronto, já que me pedem, termino. Os homens invadiram o nosso mundo — dizia ela —, roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurparam o poder que era nosso. Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. Não a deviam ter maltratado e nem expulsado à pedrada. (CHIZIANE, 2018, p. 17, 18)

A nova visão permeada pelo mito de criação faz as mulheres fantasiarem com os sonhos de liberdade e esquecerem Maria das Dores.

Delfina reage às tentativas de controle masculino. A mãe de Maria das Dores não é uma mulher controlável e todas as tentativas de subordinação aplicadas a ela acabam sendo falhas. Delfina consegue transitar entre a imagem da prostituta e a da mulher casada e com filhos e, mesmo dentro desses cenários, ela não permite que a subalternização lhe defina como sujeito. Está constantemente tentando ocupar os espaços que alguém disse ou insinuou, de que não faria parte ou não seria bem aceita pela visão social. Quando ainda criança pede ao pai para se assimilar para que possa ter acesso à escola, ele nega a ela essa possibilidade. Mais tarde vemos seu primeiro marido entrando no processo de assimilação, atendendo à vontade da mulher, porque, mesmo que esse processo venha depois de sua infância e o acesso àquela educação desejada já não fosse mais possível,



ela ainda poderia dar aquela possibilidade para as filhas. A vida dessa personagem constitui-se numa luta constante contra as violências do lugar, mesmo que o processo de não conformidade seja inconsciente.

Delfina é uma mulher sem estudo, não foi ensinada sobre direitos e não compreende todos os fatos que fazem dela um ser marginalizado. Os aprendizados que tem vêm da prática, do que vivencia no seu dia a dia. Ela se apaixona por José dos Montes e tem a consciência de que o amor para uma mulher como ela é perder o controle sobre as próprias vontades. Acaba por decidir casar-se na intenção de “matar o amor”, um ato que coloca no casamento uma das bases dos conflitos entre homens e mulheres: nada sobrevive ao casamento. Essa ação é a forma que ela encontra de recuperar o controle tirado pelo amor.

Pedi ao pai para ser assimilado, a fim de ter acesso à escola oficial, onde as professoras eram mulheres normais e não freiras esquizofrênicas. Mas o pai disse que não. Porque os assimilados eram assassinos. O pai de Delfina disse não à assimilação, sem saber que a libertação da pátria seria na língua dos brancos e sem imaginar ainda que os filhos dos assimilados iriam assumir o protagonismo da História. Delfina fervilhava de revolta: porque é que os pais interferiam nos sonhos das filhas? Uma vez é para casá-las cedo, outras para fazê-las trabalhar nos campos, e no caso dela foi para ser inaugurada por um velho branco a troco de um copo de vinho. (CHIZIANE, 2018, p.74)

A rejeição que o pai de Delfina faz à assimilação é uma forma de resistência, e essa escolha reflete na vida da filha e conseqüentemente de toda a sua geração. Apesar de estarmos falando de uma história com protagonismos femininos, a formação do núcleo familiar dessa mulher tem base patriarcal, e é justamente por isso que teremos vendas de virgindades, estupros, tentativas de espancamento, invalidação e diversas situações que deslocam as mulheres para lugares excessivamente marginais e violentos.

Noa (2017), quando mostra o pensamento vigente nas sociedades africanas, observa por uma estrutura falocêntrica e patriarcal, em que se preserva e se busca colocar o homem como o ser do desejo e do poder, enquanto a mulher é objeto desse desejo e foco dessas relações de poder. Dentro desse cenário, são constituídos estereótipos femininos que buscam normatizar relações e controlar os movimentos futuros do que seria, dentro dessa sociedade, adequado ou não dentro dos comportamentos de mulheres. O autor, nessa amostragem dos estereótipos baseados em preconceitos sobre o corpo e a figura da mulher, escreve que elas são percebidas dentro da subalternidade, submissão, decadência, sensualidade, perversidade, como figuras demoníacas, não somente porque as mulheres também estão ligadas ainda a maternidade, sedução, rebeldia, dependência,

mas porque todas essas categorias determinam a existência delas na realidade social e consequentemente na produção literária, sendo o feminismo que “irá concorrer para a superação das imagens, códigos e papéis tradicionais não só da mulher, mas também do próprio homem.” (NOA, 2017, p.93).

Voltando o olhar para Delfina podemos analisar que essa mulher carrega alguns desses estereótipos na sua composição. Situando a narrativa no segundo casamento dela, com Soares, a narrativa nos mostra, posteriormente, que ela recorreu a um bruxo e seus feitiços para amarrar esse homem a si, como se a situação nos dissesse que essa mulher, além de precisar recorrer a uma figura masculina também precisa da ajuda do que é místico para realizar suas vontades e desejos, porém esse é um modelo feminino preconcebido que tenta determiná-la, limitá-la, mas que não é eficaz em definir quem ela será, nem as possibilidades de deslocamento que essa mulher, como alguém que adquire pela “força” o direito a ser dona das suas vontades, tem a capacidade de fazer.

A ação desenrola-se nas relações de Delfina, uma mulher que tem um instinto de liberdade, mas que casa com o negro José dos Montes para matar o amor. Depois casa-se com o branco Soares para embranquecer sua linhagem e para ter mais dinheiro e a oportunidade de ser vista de um lugar diferente do que ocupava. As relações de Delfina se conturbam e conflitam com sua alma que canta por ser libertada, um tipo de liberdade inacessível a uma mulher negra, prostituta e pobre diante de uma sociedade colonizada.

A mesma freira perseguia-a, acabando por expulsá-la da escola da missão. Porque era recheada, bonita e atrapalhava a concentração dos rapazes. Distraía a atenção dos fiéis e enchia os padres de desejos pecaminosos. A freira sabia dos seus segredos e arrepiava-se de medo da contaminação pelo demoníaco e proibido. (CHIZIANE, 2018, p. 74)

Delfina é o retrato do incômodo na sociedade, assim como uma de suas filhas, Maria Das Dores, também será. Ambas negras, ambas tiveram seus corpos vendidos, vontades dominadas. Delfina revolta-se contra a dominação a que teve de se sujeitar até por parte dos pais, e muitos de seus movimentos são resultado do estupro permitido por sua mãe, como ela é servida como mercadoria e passa a ser mal vista na sociedade, coisas como não poder estudar, se tornar prostituta fazem parte não de uma escolha, e sim de uma imposição social, consequência de todo o sistema a que estava submetida.

Delfina fervilhava de revolta: porque é que os pais interferiam nos sonhos das filhas? Uma vez é para casá-las cedo, outras para fazê-las trabalhar nos campos, e no caso dela foi para ser inaugurada por um velho branco a troco de um copo de vinho. (CHIZIANE, 2018, p. 822)

Delfina é uma mulher que usa o corpo como produto, sua visão sobre si nasce quando Serafina (mãe) lhe apresenta uma não escolha, Delfina é colocada num quarto para ser “inaugurada” por um velho branco. A ideia aqui é de que sua mãe vende o corpo da filha por um copo de vinho, esse uso da relação materna cria um jogo de poder em que não existe no outro (dominado) a noção explícita de quem sofre violência<sup>6</sup>, já que a venda (o primeiro olhar que tira a humanidade e cria o produto) é feita por alguém que possui um vínculo afetivo. Também podemos relacionar a percepção de posse do outro, como “minha filha”, meu domínio, em que há a minha vontade e a anulação da vontade do outro que “é meu”.

Na intenção de compreender um princípio das relações de gênero proposto por Scott (1995), em que a estrutura das relações também deve ser pensada na interação entre mulheres, a análise aqui pretende olhar as formas de articulação do poder em que as posições de dominante e dominado são ambas ocupadas por figuras femininas. É importante perceber, porém, que mesmo nessa ligação há o uso de estruturas elaboradas numa formação social patriarcal, “masculinista”, já que a visão de corpo feminino como produto passivo vai além das relações individuais e se estabelece no construto social, estando fincadas no cerne da sociedade.

As mães são poderosas, escrevem com a própria mão, a letras negras ou a letras de ouro, nas páginas do destino. Transformam os filhos em heróis ou covardes, em santas ou madalenas. Podem parir ou abortar. Elas detêm o destino dos filhos na palma da mão. É por isso que os filhos lhe chamam deusas. Ou feiticeiras. (CHIZIANE, 2018, p.257)

A sociedade moçambicana apresenta-se tão machista que apesar da forma como as mães são apresentadas, não encontramos nenhuma mulher que seja a feiticeira da história, todas às vezes que isso é traçado vem de forma pejorativa. Mas temos dois homens narrados como bruxos, Simba e Moyo. A única alusão de feitiçaria praticada por mulher acontece no início da obra, seria a mulher do régulo, mas isso não é tratado de forma explícita, como se para os homens fosse um benefício, isso os torna temidos e perigosos, já para as mulheres isso faria delas loucas.

---

<sup>6</sup> Entender que noções de violência explícita não são entendidas, *a priori*, por quem sofre esse ato dentro de uma relação familiar pode ser pensado a partir da ideia de Bourdieu (2010) sobre violência simbólica, fincada na sociedade de tal modo a não ser percebida. Nessa narrativa, existe a revolta de Delfina com a mãe, porém é narrada de forma sutil onde não há a quebra de vínculos familiares, mesmo essa violência sendo corporal.

A narrativa se constrói em uma Moçambique colonizada e ali a mulher se torna apenas o que o lugar permite, já que o seu deslocamento (ela é percebida como passiva, vulnerável e dominada) para uma condição excluída está posto no cerne do pensamento social. Desse modo, até a venda da virgindade pode ser compreendida como uma condição imposta pelo meio, a mãe pratica violência porque também sofreu violência do lugar, isso não serve para justificar o ato, mas pode explicar por que ele acontece na narrativa daquela forma e, mais, pode explicar também por que irá se repetir.

Delfina é inferiorizada pela pele negra e pela visão marginalizada sobre o corpo feminino subalternizado. A personagem busca se colocar em posições de poder, na obra, quando se relaciona com Soares, um homem branco e rico. Esse seu interesse parte de sua não conformidade com o lugar imposto a ela, marginalizado. A necessidade de Delfina em lutar contra os fatores sociais que tentam determinar sua posição de mulher submissa gera conflitos e consequências que se deslocam dela para sua filha Maria das Dores, por exemplo. A inconformidade de Delfina se assemelha às ideias percebidas por Butler (2013) a respeito da não subalternização dos corpos. Nesse sentido há o ímpeto da personagem em subverter os contratos sociais pré-estabelecidos. O corpo não conformado é o que não aceita as imposições ao seu funcionamento e assim encontra maneiras de deslocar a visão sobre si e sobre o lugar que o concebe (BUTLER, 2013).

Na narrativa, Maria é apresentada, no início, como uma mulher percebida como louca quando encontrada nua nas margens do rio. Seu corpo incomoda as mulheres que o observam. O estranhamento daquele corpo nu pode ser percebido como um desconforto coletivo das mulheres sobre a imagem comum de seus próprios corpos. Dizeres como: "Não tem medo dos homens? Não sabes que te podem abusar?" (CHIZIANE, 2018, p. 10 - 11), representam o entendimento sobre a possibilidade da violência contra corpos femininos, percebidos como pecadores que despertam no outro o desejo de possuí-lo, na relação com o masculino, ou de feri-lo, na relação com o outro feminino que vê no corpo despido a imagem do seu corpo, um tabu associado a uma vergonha da própria sexualidade, sentimento construído em relações sociais que usam essa concepção inferiorizada para subjugar mulheres no pensamento coletivo (BOURDIEU, 2010).

Maria das Dores tem a virgindade vendida por Delfina à Simba em troca de um feitiço. Diferente da primeira vez em que a mãe de Delfina usa a filha como mercadoria de troca, no abuso de Dores temos a elaboração da culpa que Delfina sente quando

percebe o que fez, porém, esse ato causa em Maria das Dores processos contínuos de violência, já que ela é mantida presa à Simba, situação que a faz passar por punições corporais e psicológicas.

O homem ergue-se e segura Maria das Dores pela mão. Arrasta-a com firmeza até o interior da palhota com uma máscara de vitória no rosto. Já estava preparado, de armas limpas e posicionadas para o combate. Foi directo à acção sem palavras inúteis. Lança sobre ela toda a energia de um homem no auge da vida, pássaro sedento da frescura do lago. Mergulha. Era o criador amassando o barro, moldando uma escultura à medida de sua inspiração. **Ser mulher é mesmo assim, não custa. Basta uma facada, uma dor e um grito...**

[...]

Morre tudo naquele instante. A infância. A inocência. Apagam-se todas as estrelas em sinal de luto. O acto é violento, frio, com todos os requintes de um martírio. Maria das Dores estava a ser violada. Extraviada. Roubada. **Uma menina submetida à sádica obsessão daqueles que a deviam amar.** (CHIZIANE, 2018, p. 253 – 254 – grifo nosso)

Simba se prepara para o momento do estupro com a consciência de que estava indo para um combate, o problema desse homem é que ele vai para uma guerra com alguém que não possui maneira de se defender, há a covardia e vergonha de quem usa uma máscara de vitória não contra quem ele praticava a violência, mas contra a mãe de Dores, o triunfo, o excesso de violência, a comparação desse ato com o momento da criação do homem e até a frieza são situações em que Simba consegue aproximar a violência entre mãe e filha. A intenção do homem é provocar a dor em ambas.

A forma como a ideia do que é ser mulher é trabalhada no texto a põe como criatura que existe apenas para ser moldada por um criador, há a aproximação do homem a Deus até pelo ato de violência, e esse homem endeusado, criador, pune as suas criaturas, pode moldá-las “à medida da sua inspiração”.

Do outro lado Delfina treme, encharcada de medo e suor. Ela ouve tudo. O grito da filha. Os gemidos do homem. O grunhido de uma bestialidade saciada. A princípio sorriu, pensando na dívida saldada. Maria das Dores era um bicho caçado, era pasto, sangrando no cativeiro. Mas também se entristeceu. Aquela filha já era mulher. Uma mulher que veio dela. Herdeira dos seus genes, do seu destino e dos seus amores endiabrados. Que aguardava o fim da tortura naquele acto de sexo iniciação, sexo vingança, sexo negócio. (CHIZIANE, 2018, p. 254)

Já para a mulher que escuta tudo de fora da casa esse homem não tem nada de Deus, para Delfina agora Simba se assemelha a uma besta, a um bicho. Ela tem uma

dualidade constante que transparece no princípio de contentamento com a dívida paga, não se entristece porque a filha foi violentada, ela também foi, a tristeza está em saber que agora a filha era mulher. O estupro faz Maria das Dores a imagem e semelhança de Delfina.

A descrição do estupro de Maria elabora uma violência dupla, a do ato em si e a do abandono familiar, na descrição da relação materna há a sugestão do rancor: "e compreendeu que já não tinha mãe. Que iria lembrar eternamente aquele dia em que sua vida se modificou para sempre." (CHIZIANE, 2018, p. 255). Diferente da relação entre Serafina e Delfina, aqui, temos a narrativa da consciência da mãe sobre a violência, tanto pela sensação comum, já que sabemos que Delfina também teve o corpo vendido, como por um entendimento social maior sobre as relações de poder que estão sendo criadas ali.

Delfina sonhava com o regresso triunfal, as mãos cheias de moedas de ouro, mas saiu vencida, está salpicada de sangue, de arrependimento e de espanto. Na batalha final perdeu a filha, a serva, a fortuna do branco que ficará nas mãos do bruxo. (CHIZIANE, 2018, p. 256)

Maria das Dores tem sua humanidade reduzida e acaba em um lugar de submissão forçado, dentro da noção acerca das relações de gênero, a partir de Scott (1995), entendemos que há a significação das relações de poder elaboradas em torno do gênero no relacionamento entre mulheres, em que uma assume o lugar de dominadora e a outra a posição dominada, essas concepções também trabalham por conceitos normativos concebidos pelo Estado, praticados na sociedade. Desse modo, a tentativa de subordinação surte efeito pela posição mãe (exerce o poder) e filha (em quem o poder é exercido) e que se deslocará para uma relação homem- mulher, pois Delfina perde uma “briga” pelo domínio de Dores.

### 1.3.1 Subversão do corpo como mercadoria em O Alegre Canto da Perdiz

*Depois da invasão original, as mulheres ficaram escravas. Lutaram pela libertação. Recuperaram de novo o seu reino e mataram todos os homens. Decretaram uma lei: toda a criança que nascer varão deverá ser morta, para exterminar a maldição do masculino.* (CHIZIANE, 2018, p.258.)

No primeiro capítulo vimos à noção do corpo dentro das relações de poder e como ele pode ser percebido como meio e lugar onde a violência age para privar e manipular um indivíduo. Além disso, foram trabalhados os aparecimentos, na narrativa, do corpo

como produto, caso que acontece tanto com Delfina quanto com Maria das Dores, sua filha. As noções da não conformidade dos corpos serão analisadas aqui pela perspectiva teórica usada por Francisco Noa, em *Uns e Outros na Literatura Moçambicana*, porque iremos analisar a ideia do corpo dessas mulheres como mercadoria pela visão acerca da prostituição, percebida pela particularidade do lugar.

Delfina é a prostituta do cais; o lugar a que ela é levada pelos acontecimentos e pela exploração colonial é o da marginalização, porém ela está inserida em um contexto em que a mulher normalmente é vista como mercadoria, produto manipulado por homens e que existe como indivíduo de direito apenas no contato com uma personagem masculina. Nesse aspecto, o uso do corpo como produto de lucro que não serve a um homem é considerado mais problemático e privado de direito do que o habitual. Então temos na ideia que constitui Delfina, uma negra, possuidora de menos direito na relação com o branco, mulher, marginalizada pelo gênero em relação ao homem africano e ao branco português, e prostituta, fato percebido como “um dos mais perniciosos e aviltantes fenômenos da presença colonial portuguesa em Moçambique” (NOA, 2017, p.96).

A imagem da prostituição como algo que desonra não a mulher como indivíduo, mas a sociedade moçambicana como um todo, fazendo dela mero produto que pode edificar (no casamento) ou ridicularizar a visão sobre a sociedade nas relações que constituem a moral e dignidade do lugar é uma violência percebida pelo fato dessa prostituição ter sido um caminho ao qual ela foi levada pelo meio e não por uma escolha consciente, mesmo que como prostituta ela adquira a posse sobre o seu próprio corpo, e talvez esse seja um dos problemas, como mulher que se coloca como produto onde o lucro retorna para si e não para o Estado ou para um homem.

Delfina consegue driblar até essas questões sobre as determinações do lugar de pertencimento quando se desloca de um para outro, como faz quando se casa com José dos Montes, “Não acha que é um milagre? Ontem prostituta e hoje uma noiva virgem pudica, a subir ao altar da igreja com música de órgão e tudo! Será história, nunca houve casamento na nossa família. (CHIZIANE, 2018, p.101 - 102)”.

No caso dessa mulher, ela não foge das concepções e limitações do lugar apenas uma vez, mas várias quando se separa do primeiro marido e casa com um homem branco, Soares, e mais adiante também quando volta a trabalhar com a prostituição como dona de um prostíbulo.

Da natureza, Delfina aprendeu com quantas tochas acesas se faz um sol. Reúne as últimas forças e ergue e realiza um sonho antigo: abrir um prostíbulo para fornecer raparigas virgens por encomenda. Faz recrutamentos maciços nas aldeias, com ajuda de alguns sipaios. Algumas mães negras, movidas pelo mito da honra, levavam as filhas pela mão para serem desvirginadas pelos clientes de Delfina.

A casa era uma *passerelle* de velhos colonos satisfeitos, bebendo virgindades e taças de sangue, pisando corpos vivos com botas de soldados, derrubando a moral à força do ouro. E as raparigas recebiam depois umas parcas moedas, um cabaz de bacalhau e azeitonas e uma garrafa de vinho inquinado, das mãos de Delfina. E o ouro voltou a correr nas mãos. (CHIZIANE, 2018, p. 266)

A trajetória de Delfina quebra os estereótipos quando consegue transitar entre vários lugares, já que ela é uma mulher com espírito de liberdade. Ela não conhece os limites sociais talvez porque não os aceite, como foi marginalizada desde a infância, Delfina não se importa em seguir as regras daqueles que a excluíram. Esse movimento livre, liberto, pode servir de base para entendê-la como alguém que não se limita pelos ideais de gênero preconizados pela colonização. A obra trata de mulheres a quem os limites e barreiras não são suficientes e nem eficazes na regulamentação de seus corpos, por isso vão ser subvertidos e quebrados.

Sou a Delfina. Mulher amada e odiada. Eu voei, tal como o vento que não tem asas, mas voa. Naveguei o oceano da vida com um só pé. Como um peixe. Peixe mulher. Sereia do mar. Fui tudo: pura e profana. Serena. Louca. Prostituta e santa. Maga, feiticeira. Verdade e mito. Deusa e demónio. Canibal. Fiz do meu lar uma frente de combate com vítimas, vitórias, aliados, inimigos, mortos, feridos, traumatizados. Como os bombardeiros, destruí o meu ninho em pleno voo mas superei em liberdade todas as mulheres do mundo. Eram meus os montes no horizonte e as asas das andorinhas no alto dos céus. (CHIZIANE, 2018, p. 321 - 322)

A história dessas mulheres se elabora ainda diante de uma sociedade colonial e baseada em um discurso patriarcal, segundo Tiago Ribeiro dos Santos (2018), a história se direciona dentro da luta das mulheres contra esses fatores de opressão constituintes dessa Moçambique, nesse sentido, é percebida a distinção feita por Paulina Chiziane na construção narrativa de suas personagens mulheres que estão em uma constante busca por libertação, mesmo dentro de um sistema em que mulheres não têm poder de decisão servindo apenas como executoras de tarefas que eram atribuídas pelos homens e pelo regime de opressão colonial, assim, podemos notar que sobre elas é praticada uma dupla violência, já que a ideia de subordinação dos corpos femininos não é trazida pela colonização, mas sim reforçada por ela. O sujeito mulher dentro desse cenário colonial



não é sujeito, não tem direito assegurado pelo Estado, na realidade é trocado como objeto, percebido como propriedade, dessa forma, o contexto elabora por Chiziane tanto coloca esse fator em evidência quando narra a forma como José dos Montes compreende Delfina depois do casamento, como questionada e burla essa realidade quando escreve os convencimentos que ela executa como é o caso de José se assimilando e abdicando o seu ser africano.

A narrativa se insere em um contexto de violência, guerra e de revolução, a história compreende todos esses movimentos tomando forma e sendo elaborados na vida de Delfina e José dos Montes, além de mostrar consequências nas vidas das personagens em suas descendências. O contexto da colonização trabalha diferentes tipos de violência que irão da racial à de gênero. Quando a assimilação de José é narrada percebemos a perda da identidade que se desloca para um não lugar, ou seja, José fará parte de um não pertencimento, abdicando de sua cultura pela do branco português ele passa a ser um sipaio, entendido como um cidadão de segunda classe ele não é recebido completamente dentro da cultura do colonizador e é malvisto pelos africanos que não se assimilaram. A assimilação de José traz consequências para a vida de Delfina e de suas filhas, a intenção da mulher com essa modificação de status está relacionada à sua necessidade de ser percebida pela sociedade local como menos negra, menos prostituta ela está em busca de uma aproximação com o mundo do homem branco, e podemos entender esses acontecimentos como uma possível tentativa de escapar das violências exercidas sobre esse corpo de mulher negra e prostituta.

A comercialização do corpo de Delfina é resultado (ou resquício) da dupla violência a qual mulheres são submetidas tanto na obra, como no contexto social resgatado pela autora na tentativa de denunciar as vivências moçambicanas que estão ali atenuadas entre a subalternização a uma sociedade patriarcal que entende mulheres como produto e da opressão colonial que não apenas diminui a importância desses corpos como aplica sobre eles uma anulação de sujeito. Ou seja, elas são subalternas ao homem negro africano e ao poder colonizador (constituído por toda uma parte da sociedade que entende a mulher negra como inferior, isto é: homens e mulheres brancos, assimilados).

Com o fim da escravização, os corpos femininos – como o de Maria das Dores - deixarão de ser carimbados com tatuagens, no entanto, não ficarão incólumes diante do desejo de dominação masculina. No contexto do colonialismo, os corpos – sobretudo os corpos das mulheres – circulam por lugares fixos e ermos e são postos à deriva, de onde só são resgatados para servir aos interesses da máquina colonial. As “rotas” previstas para a circulação desses corpos podem ser localizadas

nas memórias que identificam “como o ‘corpo’ foi produzido como um lugar onde a dominação se exercia, e onde se construía o poder, em termos de gênero e raça. Por outro lado, o corpo foi, também, lugar de resistência e de memória.” (SCHMIDT, 2014, p. 229)<sup>7</sup>.

Na ótica do romance de Paulina Chiziane, o corpo é quase uma personagem – sobretudo o corpo da protagonista Delfina –, pois é o mecanismo que lhe possibilita transitar entre os mundos do colonizado e do colonizador. (SANTOS, 2018, p.104)

O corpo da mulher negra passa por um apagamento, quando entendemos a sua concepção como produto existe nessa relação à necessidade de subtrair desses corpos suas características humanas, como Bourdieu fala em *A Dominação Masculina*, na análise sobre a visão médica dos corpos femininos, em que há a dissociação do ser mulher a sua biologia, o rosto separado da vulva, a percepção dos corpos negros de mulheres vai passar por isso em uma escala aumentada. Djamila Ribeiro, em *Lugar de Fala*, citando bell hooks fala sobre a construção das mulheres negras muito associadas ao corpo e pouco associadas ao pensar ligando o sexismo ao racismo como dois fatores que andarão juntos. Essas identidades sendo deslegitimadas pelo lugar social, dentro de relações de poder que irão privilegiar certos grupos, assim como reduzir outros.

---

<sup>7</sup> Autora citada por Santos (2018). A referência é relativa a: SCHMIDT, Simone P. Corpo e terra em O Alegre Canto da Perdiz. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2014, p. 229-247.

## **PARTE 2 – CONFLITOS GERADOS PELO PODER IMPOSTO SOBRE O CORPO**

### **2.1 Gênero no contexto da dominação masculina e poder simbólico**

O uso do termo gênero apareceu entre os primeiros estudos feministas na busca por uma fundamentação que servisse de base para pensar as diferenças entre os sexos que geravam conflitos sociais, sendo usado inicialmente numa situação relacional: mulheres e homens eram definidos em termos recíprocos. Não se estudava as relações de gênero por meio de qualquer diferenciação ou em situações separadas, tinha-se, assim, o objetivo de entender os grupos, não apenas a mulher como o sexo oprimido em determinado sistema social.

Depois, o termo “gênero” passou a ser empregado cientificamente por quem defendia a pesquisa sobre mulheres e a necessidade de entendê-lo como uma categoria importante de análise. Esses estudos determinaram o viés para compreender e dar voz às falas das oprimidas e dos oprimidos por processos históricos, econômicos e sociais, opressão evidenciada pelas relações de poder que, culturalmente, construíam os modos de operação do sistema, determinando os papéis baseados no sexo de homens e mulheres na sociedade. (SCOTT, 1995)

De acordo com o histórico acima apresentado, Joan Scott pensa gênero em duas partes, cujas posições iniciais partem das seguintes ideias: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86). Como elemento que compõe as relações sociais o gênero implica “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas” (SCOTT, 1995, p. 86), conceitos normativos que explicam essas representações e estão associados a interpretações elaboradas pela política, religião, educação e outros que têm fixado a ideia binária dos significados de masculino e feminino, homem e mulher. Segundo a autora, as relações de gênero são pesquisadas como formas primárias de dar significações às relações de poder, ou seja, por meio desse campo, ou no interior dele, o poder é articulado. Joan Scott ressalta que não apenas no campo do gênero essa articulação ocorre, mas que existe ali uma forma persistente e que surte efeito, sendo, por isso, relevante realizar investigações que usem essa base temática. Assim, o gênero “fornece um meio de

decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 89).

Por outro lado e de acordo com o que observa Bourdieu, a mulher, mesmo que esteja em conflito com as relações de poder e dominação no meio social, está inserida numa construção de cultura/natureza em que predomina o sistema patriarcal e a concepção de masculinidades dominantes. Como essas relações estão amarradas nas bases sociais, “as próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre masculino e feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder, ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado” (BOURDIEU, 2010 p. 112).

Pensar “as mulheres” leva-nos a discutir categorias de sexo e corpo que atualmente são impostas como um construto, “forçosamente materializado através do tempo” (BUTLER, 2013, p. 154). Apesar de essa materialização corresponder a um processo para gerar efeitos do poder, as mulheres - e também os homens que a elas se unem nessa problemática – podem se rearticular para desconstruir essa materialização, respaldadas na ideia de que não existe no corpo a obrigação de estar em conformidade com as normas de materialização.

Pensar corpo como sexo nos leva à ideia construída pelo sistema social que supõe normas de funcionamento e que respaldam a visão dos membros da comunidade sobre esses corpos, incluindo a concepção de que sexo é parte de um ideal regulatório que produz os corpos que governa, e isso pressupõe um efeito de poder. O poder associado a esse ideal regulatório tira a noção de “sexo” como uma condição produzida por um corpo. “O ‘sexo’ é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo” (BUTLER, 2013, p.154), sendo entendida como uma prática reguladora que impõe uma reiteração de norma, concebemos que a materialização não é completa e, desse modo, os corpos não se conformam completamente com as normas estabelecidas para a sua materialização (BUTLER, 2013).

Para Butler, pensar materialidade é perceber a importância do corpo dissociado da ideia de espaço que recebe passivamente modelos sociais de funcionamento normalizados por grupos sociais. Além disso, ela ressalta a necessidade de entender as posições do discurso na elaboração do pensamento sobre sexo, diferença sexual e gênero, pois é no interior do discurso que se perpetuam as concepções relativas às diferenças sexuais. Todavia, segundo esta autora, não é o discurso que causa essa diferença, embora o ele e

o poder sejam capazes de delimitar e regular a percepção dos corpos. Como exemplo dessa regulação, Butler aponta que a interpelação médica transforma uma criança “de um ser ‘neutro’ em um ‘ele’ ou em uma ‘ela’: nessa nomeação, a garota *torna-se* uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero” (BUTLER, 2013, p.161, grifo da autora). Dentro desse discurso há a perpetuação de normas que servem, em certa medida, para controlar o que poderia ser entendido apenas como humano, mas que acaba por receber toda uma carga de construções sociais que já estabelecem comportamentos que implicam em gênero, sexualidade e corpo, levando o sujeito a fazer parte de uma matriz heterossexual predeterminada.

Anteriormente a essa predeterminação social, podemos entender ainda uma concepção binária nos comportamentos humanos que estabelece masculino e feminino pelo olhar da biologia dos corpos. Entretanto, através dos estudos de gênero podemos pressupor que essa relação binária dissocia completamente gênero e sexo, o que indica que eles não se refletem, fazendo com que gênero não esteja restrito ao campo do sexo. Sendo pensados como elementos dissociados, o gênero torna-se um “lugar” neutro. Como consequência de seu deslocamento, “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto corpo feminino como masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2003, p. 24).

Ainda pensando gênero e o pressuposto de sua construção, Butler afirma:

Se o gênero é construído, ele não é necessariamente construído por um "eu" ou um "nós" que se coloca antes daquela construção em qualquer sentido espacial ou temporal de "antes". De fato, não fica claro que possa haver um "eu" ou um "nós" que não tenha sido submetido, que não tenha sido sujeitado ao gênero, onde a generificação é construída, entre outras coisas, pelas relações diferenciadoras pelas quais os sujeitos falantes se transformam em ser. Submetido ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o "eu" não precede nem segue o processo dessa generificação, mas emerge apenas no interior das próprias relações de gênero e como a matriz dessas relações (2013, p.160).

A relação entre gênero/sexo, em *Corpos que Pesam* (2013), será repensada e questionada por Butler dentro do paralelo natureza/cultura, na busca por entender que, se gênero é uma construção e consequentemente materialização do sexo, isso implicaria que o sexo liga-se à esfera do natural, fazendo com que a ideia de gênero seja um agente social sobre ele, deslocando-o para uma superfície passiva e sem valor. Nesses questionamentos, as relações entre as ideias de natureza/cultura e de sexo/gênero com estudos feministas buscam entender se esses conceitos estão baseados em um parâmetro “masculinista” que pressupõe uma figura passiva esperando o ato da penetração que lhe daria significado.

Nesse sentido, ela pesquisa se sexo está relacionado com gênero, assim como feminino está relacionado com masculino (BUTLER, 2013).

Para Butler, para repensar esses conceitos surge a necessidade de pôr a própria concepção de natureza em questão, já que o fato de pensar a esfera do natural como um lugar vazio, uma página em branco que precisa da ação do social para ganhar significação/valor, deixa de lado toda uma história própria que vai além da história social. Isso também recai sobre a noção de sexo, o qual, se for visto superficialmente como ação passiva, acaba por ter sua história (a formulação sobre si) ocultada.

Falar sobre gênero implica também falar sobre corpo. Para alguns pesquisadores dessa questão, como Bourdieu, há uma premissa de que corpo e sexo são elaborados culturalmente, de modo que fica difícil fazer distinção entre mundo social, corpo e sexo, porque estes dois últimos fazem parte do mundo social. Nessa relação ficam visíveis alguns aspectos da dominação, quando é feito do pênis ponto de honra e virilidade, referência ao masculino dominador que hierarquiza o outro corpo, colocando-se acima do corpo feminino, induzindo a acreditar que a “vulva” é sagrada, tabu em oposição ao falo, devendo ficar escondida, ser passiva, marca feminina (penetrável). Essa marca que caracteriza o feminino se torna tabu porque é vista como fetiche, nesse sentido, para ser percebida como um órgão, por exemplo, precisa estar deslocada de um corpo feminino. Bourdieu fala que o nosso meio social faz essa separação quando se coloca uma cortina entre o rosto da mulher e seu órgão sexual numa consulta ginecológica, nesse momento a vulva, a vagina, se tornam algo não sexual.

Assim, nós podemos analisar a partir dessa visão do autor que a vulva não é considerada sagrada porque se aproxima de uma santidade, ou de uma castidade, não é porque precisa ser respeitada e sim porque ela não pode provocar no homem, no masculino, o desejo. Ela é sagrada para ele não “pecar”. Nesse sentido, toda a ideia de fazer do feminino um ponto de vulnerabilidade vem da necessidade de tornar essa masculinidade o dono do poder.

A dominação que se inicia na hierarquização dos corpos inscreve-se também nas relações sociais e de poder quando há a feminização de tarefas sob a alegação de que o corpo da mulher, assim como tudo o que é frágil, passivo, subordinado, está na esfera do feminino (BOURDIEU, 2010).

Pierre Bourdieu (2010) caracteriza a dominação masculina como resultado de uma violência simbólica que está de muitos modos naturalizada dentro dos papéis sociais de homens e mulheres, modos não reconhecidos ou invisíveis para suas próprias vítimas. Entendemos que essa dominação não reside apenas nas relações familiares ou conjugais, mas sim se manifesta primeiro em instâncias como Estado e escola, estando seu poder tão disfarçado que se torna legítimo e até defendido tanto por homens como por mulheres.

Em *O Alegre Canto da Perdiz* é possível analisar essas estruturas de dominação quando observamos Delfina, prostituta que comumente trabalha na beira do cais, lugar onde conhece José dos Montes, que virá a ser seu primeiro marido. Ela subverte papéis de dominação, pois é uma mulher que vende o próprio corpo, e nela não existe (ou é anulada) a relação do sagrado sobre o sexo. Seus movimentos estão na esfera do espaço público em que não há dependência nem insegurança aplicadas à relação de homens e mulheres no processo tradicional que caracteriza mulheres como objeto simbólico. Por usar o corpo como produto e conseqüentemente **vendê-lo para quem quiser**<sup>8</sup>, não podemos afirmar que essa mulher possua aspectos submissos que alimentem as expectativas masculinas. No entanto, o casamento é a primeira instância apresentada com uma visão de dominação, tanto José dos Montes como a sociedade local acreditam que a prostituta será domada pelo casamento, esse “desejo” gera inclusive comportamentos agressivos. José constantemente tem pensamentos sobre espancar Delfina e obrigá-la a obedecer a suas ordens. O homem acredita que ela deva ser submissa e mesmo sem a efetivação da violência física busca impor a ela comportamentos, como se tivesse a intenção, mesmo que inconsciente<sup>9</sup>, de que Delfina fosse um reflexo seu.

A masculinidade, assim como a feminilidade, pode ser exercida por homens e mulheres, porém só no processo de feminização de um indivíduo é possível deslocá-lo para um lugar de vulnerabilidade que precisa adquirir identidade buscando formas masculinas, e essas podendo ser exercidas, inclusive, através do casamento. A mulher,

---

<sup>8</sup> Essa ideia gira em torno da suposição de que Delfina teve minimamente escolhas sobre o seu corpo em sua relação com José dos Montes, pela forma que é apresentada inicialmente, mesmo que a prostituição não tenha sido uma escolha particular sua e sim um lugar para o qual a personagem foi deslocada por fatores alheios a si, que podem ir tanto das condições sociais numa Moçambique colonizada, em que mulheres negras passam por processos de marginalização constantes, como pelo estupro que sofreu com a permissão da mãe.

<sup>9</sup> É inconsciente porque como elabora Bourdieu sobre a estrutura social, os comportamentos de homens e mulheres vão ser pré-determinados, se cabe a mulher ser submissa, essa masculinidade que se pensa como dominante irá tentar colocá-la nessa categoria. Ele repete os comportamentos masculinos que são entendidos para o funcionamento da sociedade, e, se cabe ao homem ser o dominador, a mulher resta apenas o papel de refletir essa masculinidade a qual está vinculada.

dentro desse pensamento, seria o objeto de desejo do outro, que lhe dá significação, já que o seu lugar simboliza uma falta, uma ausência de poder, já que não possui o falo.

Olhar para a ideia de que dentro de uma sociedade patriarcal a mulher e tudo que estaria associado à esfera do feminino caracterizam uma ausência que buscaria uma significação obviamente nos faz questionar quando elas adquirem poder e se esse poder muda a lógica do funcionamento social. Falei sobre Delfina no movimento de questionar as ordens estabelecidas tanto na sua prostituição como pelo casamento com José, mesmo que esse último represente uma instância de poder que se efetiva sobre ela, a personagem constantemente tenta quebrar os estereótipos que carrega pois casa de branco e na igreja, um lugar que não a aceita e que seria o oposto do que ela representa, já que ela é vista como maculada, que utiliza o sexo como benefício.

Mas Delfina e sua relação com o meio que elabora a necessidade da significação por meio do macho se mostra mais explícita quando Soares, o segundo marido, vai embora. Ele deixa meios de sobrevivência para Delfina e herança para todos os filhos dela, porém o espaço do homem se encontra vazio, nesse ponto da narrativa um homem aparece na sua porta, sem nome, identificado a princípio como ladrão depois como um sipaio, vem tomar esse lugar com a justificativa de que ela está só, usa o amor como discurso para se apropriar daquele espaço vazio, que significa, além da ausência do homem que submeta Delfina na cama e na vida, a falta de quem administre os bens, a mesada que o branco deixou para ela viver, a casa, o espaço. É importante observar que esse personagem aparece e demonstra como é a visão sobre a mulher, porque ele pode representar qualquer e todos os homens por isso aparece sem nome, poderia ser qualquer um que vendo um corpo de mulher entenderia que ela precisa de dono, e vem ali efetivar o seu poder, dado pelo meio, sobre ela.

O homem arrasta-a para dentro de casa. Eram eles a bela e a fera no princípio da tarde. Empurrando Delfina do alto do monte até à poeira do vale. Ela chora. Por José dos Montes, que a amou até à perdição, a ponto de levá-la ao altar e proclamá-la rainha sobre todas as mulheres. Pelo Soares, que por ela se perdeu a ponto de destruir a família. Morreu a minha árvore, a minha sombra, a minha galinha mágica dos ovos de ouro. — Lamento a forma original de dizer que te amo — diz o estranho —, nua, rica, pobre, desesperadamente te amo. O amor que sinto encoraja-me a esta loucura. Vou prender-te o coração neste punhal, meu churrasco, minha carne no espeto, para seres só minha. Mato-te se arranjares outro cabrão! Delfina sufoca um delírio, um choro e um grito. Meu Deus, meus anjos, meus defuntos, acudam-me. Tragam sol para esta casa. Tragam também veneno contra este verme que me destrói. —



Já não tens dono, Delfina, o teu branco foi-se embora, não volta mais. O teu dono sou eu a partir de hoje. Temos que dividir o dinheiro do branco. Queres segurança? Protejo-te. Queres briga? Esmurro-te. Queres um confronto? Mato-te. — Deixa-me em paz, não te fiz mal nenhum, larga-me, sai da minha casa! — Não acreditas em mim, princesa? Os assassinos também amam, minha santa. Sou um deles. O branco foi embora e deixou-te muitas coisas, palmar, terras e gado, vim para ajudar-te a cuidar disso, sou casado mas não faz mal, serás a minha segunda esposa. (CHIZIANE, 2018, p. 235)

A pergunta que nos fazemos agora seria em que ponto irá se deslocar novamente para ela o poder ou por que são tão incisivas as formas de tentar tornar essa personagem passiva ou subordinada, porque no capítulo se narrará os motivos do sipaio estar ali, ele pode ser castigo pela ousadia de Delfina em se relacionar com um homem branco, tortura, foi pago para matá-la, mas o amor que sente por ela o impede de findar o ato. Delfina mata o homem com veneno, volta a ser dona, mas aqui a obra também nos mostra que o poder não é permanente em um indivíduo, ele se desloca, e a personagem precisa constantemente reivindicá-lo.

Michel Foucault, em *Microfísica do poder*, elabora a ideia sobre o deslocamento do poder, isso acontece porque ele não é algo que vai pertencer a um sujeito, é elaborado dentro das relações sociais, no caso de Delfina há a necessidade de ir atrás dele de forma constante porque ela é um sujeito percebido pela falta, isso acontece mais pelo estereótipo do que pela forma como a personagem se comporta na obra.

A visão de Delfina como uma mulher com poder é considerada tão absurda que ela precisa ser punida porque conseguiu ascender socialmente quando casou com um branco, e também precisa de punição porque além de atingir esse lugar ela se vangloriou disso no alto do monte quando tem o seu “canto da perdiz”, mostrou toda sua ascensão para aqueles que sempre a criticavam, então quando Soares vai embora, e esse homem sipaio aparece ele representa essa vingança por ela ter tentando ser mais do que o lugar permitia, como podemos ver no trecho abaixo:

Era a vingança sádica da sociedade abatendo-se sobre Delfina. Por ter pisado o risco vermelho de destruir famílias. Por ter amado um branco e rejeitado um preto. Meu Deus, quantas vezes terei que lutar para me afirmar?, perguntava-se. Julgava que o mundo era meu. Pesa-me a vida, pesa-me o mundo, pesa-me a ideia de estar aqui. Eis-me nas mãos de um estranho, que me varre como lixo para o fundo do chão. Delfina aprende pela primeira vez o sofrimento do lar sem protector, das crianças sem pai. Jura que vai resolver o problema, que vai fazer vingança, com a ajuda das magias de Simba. (CHIZIANE, 2018, p. 236-237)

Deslocando o olhar de Delfina para Maria Das Dores, temos, no início dessa narrativa, Dores se banhando no rio do lado privado dos homens. Esse fato causa revolta nas mulheres da comunidade, pois a ideia de uma mulher ocupando um lugar pertencente aos homens é vista como absurda não apenas porque aquele corpo de mulher pode ser visto pelos homens do lugar, mas porque pode ser abusado por eles. Esse comportamento descrito acerca dos homens aparece na narrativa como se dispensasse justificção, sendo mostrado como uma descrição normal de uma ação masculina. Ainda assim, para elas a fúria não está apenas associada ao medo pelo corpo da outra ou pelo desejo que aquele corpo pode despertar em seus homens, mas pela moral pública ser desordenada pela ação de Maria, porque ela “desafiou os hábitos da terra e conspurcou o santuário dos homens” (CHIZIANE, 2018, p. 12). Essa ação apresentada remete à ideia de Bourdieu (2010) de que a ordem social é um grande fator que autentica e se estrutura sob a dominação masculina, ordem que se mostra na divisão dos trabalhos atribuídos a cada sexo, seus lugares, pertencimentos etc. Nesse sentido, mulheres perpetuam tais modelos porque também fazem parte dessa ordem social e acabam legitimando comportamentos que são resultantes de uma violência simbólica e que estão de muitos modos naturalizados dentro de padrões inconscientes nas pessoas.

Essas noções de dominação propagam-se nas relações de poder, segundo Bourdieu, que avalia ser o elemento masculino, possuidor do falo, como aquele que precisa se reafirmar como o elemento onde o poder se centraliza, e esse movimento é feito através da dominação, exercida na divisão fundamental do macho ativo e da fêmea passiva, disposição que cria, expressa e organiza o desejo, pois dirige ao masculino a posse e ao feminino o desejo de ser possuído por uma masculinidade.

Para o estudo das relações de gênero é importante entender masculinidade e feminilidade como construções sociais pensadas para explicar comportamentos “tipicamente” masculinos ou femininos e que, em certa medida, essa noção só será entendida se compreendermos o lugar onde aquele macho virou homem e aquela fêmea virou mulher. Podemos considerar a existência de uma determinação de modos de agir para homens e mulheres que são elaboradas desde o princípio das concepções sociais/culturais e no ensinamento, a partir do (re)conhecimento do sexo biológico, de comportamentos que irão impor uma masculinidade aos homens e uma feminilidade às mulheres (BOURDIEU, 2010).

Pensar um cenário em que as noções sobre dominação masculina se concretizam, na ótica de Bourdieu, estabelece que em relação aos comportamentos de homens e mulheres na sociedade temos conseqüentemente um sexo que vai adquirir mais poder em relação a outro e no caso do que é escrito pelo autor esse papel de dominação se reforça e se fixa no falo, no homem, no que possui virilidade. Entender esse conceito de dominação formula que mulheres estão no lugar do dominado porque de acordo com uma ordem social patriarcal elas não são apenas marginalizadas e deslocadas para o subalterno, elas também praticam esses aspectos e buscam (isso seria inconsciente) ser dominadas.

Quando pensamos em uma postura submissa das mulheres, estamos partindo do princípio de estruturas de dominação que a sociedade fixa na forma de compreender e “ensinar” os comportamentos. Essa ideia é entendida, nas pesquisas sobre gênero-sexo, como uma violência simbólica, pois seus efeitos se tornaram tão intrínsecos ao pensamento social sobre como as mulheres devem agir que não são, por uma grande maioria, vistos como violência. Ela caracteriza uma violência real, mas que não está (em sentido direto) ligada à violência física, pois o simbólico localiza-se no lugar daquilo que já foi propagado de maneira a se tornar natural.

O poder simbólico mostra-se em pensamentos, comportamentos, ideias passadas histórica e socialmente que, mesmo sem a intensão direta de colocar uma personalidade masculina sobre uma feminina, consiste em um processo realizado<sup>10</sup> e visto como natural. A dominação masculina constrói mulheres como objetos simbólicos para colocá-las em situações de dependência e criar inseguranças, as quais propagam comportamentos de aspectos submissos e que passam a ser atribuídos como pertencentes a características do ser feminino para colocar as mulheres em um lugar que alimente as expectativas masculinas do que elas devem ser ou como devem se comportar. A mulher, então, seria um ser que existe pelo e para o outro. A propósito dessa questão, Connel e Messerschmidt (2013, p. 271) apontam que “qualquer estratégia de manutenção do poder é mais comumente envolvida na desumanização de outros grupos e num correspondente definhamento da empatia e do envolvimento emocional subjetivo”.

---

<sup>10</sup> A violência simbólica não acontece apenas em uma relação homem – mulher, essa categoria simbólica se relaciona a qualquer relação dominante/dominado em que há a naturalização da dominação (BOURDIEU, 2010).

Scott (2019) escreve que as estruturas de dominação na sociedade contemporânea (entendida como pós-patriarcal<sup>11</sup>), ao mesmo tempo em que estão enfraquecidas, acabaram por tornarem-se mais violentas do que antes, pois, ao perderem o respeito e a autoridade pelos quais se mantinham em evidência e verem enfraquecidos os princípios de formação social, só possuem a violência (que já se manifesta de modo a impor, por força, as estruturas de violência simbólica) para tentar reafirmar seu poder.

A forma como o poder se articula e busca controlar os comportamentos de homens e mulheres, na sociedade, baseada apenas no gênero, corresponde a um dos modos em que o conflito é gerado no romance de Chiziane. Essa relação de subordinação e a concepção da mulher como subalterna nos modelos sociais patriarcais resultam na constante violação do direito, assim como na normalização da violência de gênero.

## **2.2 Relações de gênero no contexto moçambicano**

Até o momento, nesta discussão, estamos pensando as relações de gênero em contextos patriarcais dentro de uma construção conceitual ocidental, mesmo com a intenção de manter os conceitos usados por Scott, Butler, Foucault e Bourdieu do que seriam essas relações, como elas acontecem e como o poder se articula nos conflitos entre dominadores e dominados irei desenvolver a partir desse subcapítulo a ideia de gênero contextualizada dentro da sociedade moçambicana, tanto do seu funcionamento antes da colonização como durante e os resultados dessas estruturações no período depois da independência.

Como base teórica para entendermos um pouco essas estruturas usarei Signe Arnfred (2015), *Notas sobre gênero e modernização em Moçambique*, texto retirado da obra *Sexuality and Gender Politics in Mozambique* e traduzido para o português nos *Cadernos Pagu*, tendo em vista que a autora discorre em sua obra sobre as distinções dentre o cultural, político dos papéis sociais entre homens e mulheres levando em consideração as particularidades das regiões que ocupam, principalmente Norte e Sul, em Moçambique.

---

<sup>11</sup> A ideia de pós-patriarcado usada por Scott (2019), não se refere a uma sociedade em que homens e mulheres possuam direitos iguais e sim fala da conquista de direitos e da igualdade entre os gêneros gerar aspectos mais violentos no meio social, o homem no pós-patriarcado perde o poder que ele detinha e nas tentativas de retomá-lo ele se torna muito mais violento do que já era no patriarcado.

Trabalharemos com essa distinção mais incisiva de Norte e Sul de Moçambique, pois a divisão das organizações sociais caracteriza principalmente o norte como sendo matrilinear e o sul como patrilinear, outras regiões tendem para um lado ou outro. Usarei a teoria apresentada nesse texto apenas para nos situarmos sobre algumas coisas, como o funcionamento da sociedade nessas divisões entre matrilinear e patrilinear para entendermos também as mudanças que acontecem devido à colonização nas relações entre homens e mulheres visando aspectos como as tradições em torno do corpo feminino e a inserção de dogmas religiosos vindos dos colonizadores, que acontecem na narrativa, porém não temos a análise de parentesco como foco e nem prioridade nesta pesquisa.

Quando analisamos as mudanças de comportamento das personagens a partir da assimilação de José dos Montes e Delfina percebemos como as estruturas e o jogo de poder ali irão sofrer alterações, visto que a história se passa na Zambézia, mais específico em Gurué, temos na região uma organização social que seria patrilinear e também poligâmica, como será visto na narrativa sobre Moyo e Simba, mas os credos adquiridos por essas personagens centrais nos conta que José e Delfina possuem uma relação monogâmica e pautada pelo cristianismo/catolicismo. Falar isso nos serve para entender os lugares ocupados por mulheres nessa formação social e quais mudanças ocorrem inclusive na forma em que as violências vão acontecer.

Segundo Arnfred (2015) as concepções familiares têm relação econômica, relativa a bens; quando falamos de uma organização patrilinear temos distribuição de poder econômico sendo passada entre pai e filho, na organização matrilinear a mãe é a chefe de família, mas a detenção do poder econômico pertence ao irmão da mãe, o que percebemos na leitura sobre essas relações entre Norte e Sul de Moçambique é que mesmo a organização sendo matrilinear a sociedade continua sendo patriarcal. A distinção nessas sociedades parte da ideia como a mulher será educada: na região Norte as meninas passam por processos de educação sexual, que são as cerimônias onde elas serão ensinadas pelas mulheres mais velhas a manipular os pequenos lábios da vagina, os ritos possuem o ensino sobre toda a questão sexual feminina. Porém esse ensino serve para que elas aprendam autocontrole e submissão aos seus maridos sendo, inclusive, espancadas pelas mulheres mais velhas no processo de aprendizagem. A parte Sul de Moçambique não pratica os rituais de iniciação.

As lutas políticas e sociais mudam grande parte dessa forma como a sociedade era disposta e “após a independência, a FRELIMO rotulou os rituais de iniciação

femininos como sendo atrasados e opressivos às mulheres, e campanhas políticas foram organizadas contra eles: abaixo ritos de iniciação” (ARNFRED, 2015, p. 186)

Além desses rituais de iniciação a FRELIMO via problema no lobolo, que era uma prática cultural em que se exigia um pagamento, feito pela família do noivo para a família da noiva, que podia ser em dinheiro ou em bens materiais. Essa troca estereotipava a mulher como produto comercial que inclusive poderia ser devolvida caso apresentasse algum defeito, como era o que acontecia com as mulheres que não podiam procriar. O lobolo era uma prática usada nas linhas patrilineares; ele também dava à família da noiva o direito de pegar uma outra mulher para colocar no espaço deixado pela filha que foi dada em casamento (vendida).

A situação das mulheres que eram negociadas pelo lobolo era relativo a um aprisionamento, visto que elas estariam presas à família do marido e impossibilitadas de ir embora. Para que uma mulher conseguisse o divórcio a sua família original deveria devolver o valor pago pelo lobolo, algo difícil já que na maioria dos casos esse dinheiro já havia sido gasto, além do mais, cabia a família do noivo aceitar ou não essa devolução (ARNFRED, 2015, p. 196).

### **2.3 Poder sobre o corpo e conflitos**

*Com violência, os homens mantêm as mulheres fiéis à paulada. A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder às mulheres. (CHIZIANE, 2018, p.268)*

A ideia de corpo está diretamente relacionada às estruturas que repercutem as relações de poder quando pensamos que ele se torna “meio” ou “lugar” em que a violência ou o domínio podem agir para privar, manipular ou limitar um indivíduo. Porém, mesmo subtraindo o corpo físico do lugar onde a violência toma forma, ainda temos a possibilidade de suprimir o direito de existir (ou ser) de um sujeito. Michel Foucault (2010)<sup>12</sup> analisa que a possibilidade do controle do Estado sobre o indivíduo evolui da

---

<sup>12</sup> Em *Vigiar e Punir* (2010), Foucault fala da violência física como punição do Estado aos detentos (criminosos) e no controle que sai do corpo para a mente/ alma como uma rearticulação do poder sobre o corpo, todavia, essa crítica do filósofo não se relaciona apenas com o direito do detento, mas sim com uma noção mais abrangente de direitos humanos. Desse modo, a aplicação da crítica do poder do Estado feita por Foucault justifica-se porque ela vai além do corpo dos detentos e alcança a crítica ao poder sobre o corpo no cerne da sociedade e do pensamento contemporâneo sobre esses controles.

detenção do corpo físico para uma ideia de corpo social, não real, além da matéria, mas possuidor de direitos e passível de controle, ou seja, a sociedade estabelece um poder mais tênue sobre o corpo. Há, assim, a construção de uma dominação sobre o outro que é simbólica, que se manifesta e se constitui de forma intrínseca à sociedade.

Essa ideia da subtração da alma no corpo tem um sentido foucaultiano se pensarmos que a tortura e punição aos corpos substituídos pelo controle que se estabelece num corpo não físico evidenciam relações de poder mais eficazes.

Apesar da dissociação da violência física como meio de dominação e controle, Foucault (2010) sugere que o poder sobre o corpo não deixa de existir completamente, já que a supressão de alguns direitos humanos, mesmo que não diretamente, também se desloca para a existência física do sujeito como a própria privação da liberdade já impõe.

Para além da noção de corpo (sangue e carne), o ato de punir ganha nova forma de acordo com a evolução do pensamento social. Aplica-se à alma o castigo mais do que ao corpo. “O aparato da justiça punitiva tem que ater-se, agora, a esta nova realidade, realidade incorpórea” (FOUCAULT, 2010, p. 21). Mesmo dentro desse modelo suavizado, a noção de corpo é evocada por seus sentidos econômicos e políticos, já que nele existe uma utilidade, inclusive a de sua submissão.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto, continuar a ser de ordem física (FOUCAULT, 2010, p. 28-29).

As formas que o poder emprega para elaborar, no indivíduo, a sujeição residem no fato de o poder se articular em micro relações, não partindo do uso da violência explícita e sim da microfísica do poder que “supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como estratégia...” (FOUCAULT, 2010, p. 29).

Ele não é algo possuído por um grupo ou pessoa dominante, mas sim exercido dentro de relações onde o foco do poder pode mudar.

O poder que o sistema social exerce sobre o corpo procura controlar este corpo não de forma rígida, mas sim controlar por meio de um domínio mais sutil e muitas vezes indireto, como acontece com o controle da sexualidade<sup>13</sup>, por exemplo.

Passando das investigações de Foucault (1979, 2010) para as pesquisas de Judith Butler (2013), inserimos ao pensamento sobre o corpo a noção de gênero e levamos o estudo para além da punição do homem, abrindo o campo para pensarmos o corpo em sua implicação inseparável do sexo/gênero. Entendendo, a partir do pensamento foucaultiano, a ideia de corpo para além das referências físicas e como lugar onde há articulação e manifestação do poder. Encontramos como tema dos estudos de Butler o corpo que não se conforma com as normas preestabelecidas para o seu funcionamento.

Em *O Alegre Canto da Perdiz*, a utilização dos corpos das mulheres como produto é uma tentativa de conformar aquele corpo como inferior, menos importante, lugar sem identidade que precisa de um ser masculino para possuir status, vontade e valor. Nesse sentido, a visão de Delfina sobre seu primeiro casamento vem do desinteresse em refletir a identidade de um homem, que anula a sua para adquirir a dele. A obra narra mulheres que não aceitam passivamente essa determinação social de como seus corpos deveriam funcionar e em que lugares eles são permitidos. Elas não buscam uma significação que está fora de si e posta num sujeito masculino e, mesmo com dificuldade de acesso a voz, perpetuada pela formação social de um período colonial que, além de inferiorizar o negro, subordina a mulher usando como falso argumento o sexo, elas encontram formas de questionar e afetar essas estruturas. (BUTLER, 2003)

Delfina é inferiorizada pela pele negra e pela visão marginalizada sobre o corpo feminino subalternizado, ainda mais porque a personagem vende seu sexo. Ela busca se colocar em posições de poder, na obra, quando se relaciona com Soares, um homem branco e rico. Esse seu interesse parte de sua não conformidade com o lugar imposto a ela e que é visto pela sociedade narrada como inferior. A necessidade de Delfina em lutar contra fatores sociais que tentam determinar sua posição de mulher submissa gera conflitos e consequências que se deslocam dela para suas filhas Maria das Dores e Maria Jacinta, por exemplo. A inconformidade de Delfina assemelha-se às ideias percebidas por

---

<sup>13</sup> Foucault não afirma que o poder seja algo sempre negativo. Em *Microfísica do Poder*, diz: “o poder longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 1979, p.84). Além disso, Foucault entende que se possuísse apenas a função de reprimir, o poder do sistema social seria muito frágil.



Butler (2013) a respeito da não subalternização dos corpos. Nesse sentido há o ímpeto da personagem em subverter os contratos sociais preestabelecidos. O corpo não conformado é o que não aceita as imposições ao seu funcionamento e assim encontra maneiras de deslocar a visão sobre si e sobre o lugar que o concebe (BUTLER, 2013).

As mudanças que Delfina elabora em si são feitas na tentativa de se deslocar do lugar de mulher negra, que a personagem concebe como redutor, limitante e até ofensivo, para ela que é casada com um homem branco. Essa mudança na forma de se ver são para Soares uma negação da própria identidade, ou seja, Delfina perde sua identidade na absorção da identidade do homem branco e colonizador por achar que essa seria melhor que a sua, algo completamente compreensível se considerarmos que os colonizadores trazem a visão de “modernidade” sobre tudo que praticam e a forma como vivem.

— Adoro-te, minha preta. Minha preta, negrinha. Uma expressão ofensiva, humilhante, redutora. Porque já tinha ultrapassado as fronteiras de uma negra. Ela já tinha um homem branco e filhos mulatos. Ela já falava bom português e tinha a pele clareada pelos cremes e cabeleira postiça. Sou preta sim, só na pele. Já sou mais do que uma preta, casei com branco!

— Eu não sou preta, Soares, sou?

— Então não és?

— Já sou quase uma branca, com os cremes que uso. Vivo como os brancos, como comida de branco e já falo bom português. (CHIZIANE, 2018, p. 223)

A obra nos apresenta um estranhamento de Delfina com a visão que Soares mantém sobre ela, o homem tece elogios baseados na beleza negra que ela apresenta, mas para Delfina essas afirmações apenas evidenciam que mesmo ela fazendo mudanças em si a visão sobre ela não muda. Soares é um personagem que em determinado momento tenta levar Delfina a perceber os sofrimentos dos moçambicanos e fazer com que ela tenha empatia pelo próprio povo, mas ele não entende a opressão que ela experienciou durante sua trajetória. O que ela sente em relação ao seu povo também é um retrato da maneira como foi deslocada para as margens sociais de um lugar que deveria reconhecê-la.

O retrato desses comportamentos e o choque sobre a identidade de Delfina também são vistos nas suas ações para adquirir poder e deixar de ser concebida pelas estruturas que a veem apenas como uma mulher prostituta e negra. A ideia de que ela é a partir do seu segundo casamento uma pessoa que não mais está limitada pela sua raça são os efeitos das suas buscas pela mudança da visão sobre si. Aqui estamos falando sobre

corpo e suas não conformidades com as imposições do meio, Delfina tem durante a narrativa diversos momentos em que está se posicionado numa busca pelo lugar de dominação (ou da não opressão), onde ela tenha por meios próprios o controle sobre a sua vida, de certa forma essa movimentação que a personagem faz não leva como importante os vínculos que ela quebra no caminho.

Ainda falando sobre a forma como ela quer ser narrada e percebida pelos outros temos ali um processo de *embranquecimento*<sup>14</sup>, por isso anteriormente disse que a personagem não gosta de ser chamada de negrinha, ela não aceita essa alcunha porque assume que pelo casamento, pela casa que agora tem, pelos filhos mulatos, ela não é mais o que aquela sociedade compreenderia como uma mulher negra. Aqui ela adquiriu poder. Dessa forma, teremos o embate de duas visões – a de Soares, o marido branco, sobre a perda de identidade de Delfina, e a de Delfina sobre sua ascensão social validada pelo casamento, pelas roupas, pelo “cabelo postiço”, pela maquiagem que embranquece a pele. Do modo como a obra concebe essas relações não cabe a nós invalidar os processos pelos quais Delfina passa para chegar ao lugar que tanto deseja.

Na afirmação de Delfina, o fanatismo. A tirania e o poder, criando fascínio nos seres humanos. Confirmando que mesmo sem a perversidade da cruz e da espada, as guerras dos bárbaros eram também sangrentas. Muito, muito antes dos colonos, a vida era também dura, amarga, impossível. Foram outras perversidades que fizeram o Soares atravessar os mares até chegar à Zambézia. Para sofrer o desespero de uma vida longe do seu berço. Guardar no peito a saudade da terra, companheira de todos os momentos. Amar e odiar esta terra que o acolhe.

— Se dividires as terras com todos esses pobres, o que ficará para nós? Que liberdade é essa que nos tira os nossos privilégios? Não, Soares, não quero liberdade nenhuma.

— Pensa no sofrimento do teu povo, Delfina.

— Essa conversa das liberdades faz-me lembrar o meu pai e os condenados do cais. Toda a hora falando em liberdade. Conversa de pobres e de pretos, Soares, quem te ouve falar assim pode até pensar que está diante de um desses terroristas do regime. Ah, Soares, eu quero só estar contigo, não quero liberdade nenhuma!

— Não te compreendo, Delfina.

---

<sup>14</sup> Delfina demonstra que quanto mais tempo ela passa vivendo com Soares, comendo a comida dos colonizadores, vestindo roupas boas, passando cremes, alisando o cabelo e usando o português de forma adequada, mais ela se torna uma mulher branca, essa ideia da personagem de mudança de raça vem da degradação com que ela percebe o ser negro, “Os pretos não são nada, Soares” (CHIZIANE, 2018, p. 224) e a luta constante dela é por ocupar lugares, ser vista, ser entendida como gente.

— Sou mulher como as demais. Seria boa moça, até, se a vida não fosse tão penosa, tão díspar e tão selvagem.

Ele reconhece: sim, Delfina, serias uma boa menina. Uma rainha ou uma guerreira se noutro mundo tivesses nascido. Talvez fosses a décima esposa de um homem mais velho que o teu pai. Mas terias uma dignidade tua. Estás aqui transformada em algo que nem se pode nomear. Não queres ser preta. Sonhas ser branca ou mulata. Sonhas em ser um objeto animado, sem sombra, sem peso. Vestígio de uma raça. Uma branca imaginária. Sim, Delfina, serias uma boa menina. A verdade instala-se na mente de Soares, aumentando a sua visão do mundo que o acolhe. A imagem de Delfina reflete-se. Umhas vezes infantil. Outras vezes objeto. Outras vezes pensante, penetrante. (CHIZIANE, 2018, p.225-226)

Ademais, o discurso utilizado pela personagem, ainda que ela sempre esteja entre adquirir controle e perdê-lo, fará com que nós leitores entendamos as relações entre os personagens, como a ida de Soares e os motivos dele deixar a herança dos filhos dela fora do controle de Delfina, os feitiços para que o negócio do pão dê certo, a necessidade da sociedade a volta ver Delfina perdendo tudo e sendo invalidada pela filha Maria Jacinta e posteriormente da retomada que Delfina fara através do gerenciamento de um puteiro. Aqui teremos novamente as relações entre poder e violência aparecendo, já que a personagem vende a virgindade de outras meninas, a narrativa demonstra que ela entende e sabe o possível “mal” que isso representa, mas continua com o negócio exercendo seu lugar de dominadora sobre os corpos dessas meninas que ela vende a virgindade.

Quando falamos sobre corpo e gênero aqui usamos questionamentos baseados nas teorias de Butler, Scott, Bourdieu, principalmente. Essas discussões caminham em torno do entendimento de papéis de gênero na sociedade e em oposição uns aos outros, como temos a ênfase nas personagens femininas, assim como também a narrativa é elaborada priorizando as relações entre as mulheres que vão seguindo uma lógica entre: Serafina – Delfina, Delfina – Das Dores, Delfina – Jacinta e Das Dores – Jacinta: olhar essa correlação talvez nos ajude a entender os caminhos que a obra irá seguir nas problemáticas ou nos conflitos entre essas mulheres.

Porém temos também os conflitos gerados pelas oposições dos gêneros: Delfina – José dos Montes, Delfina – Simba, Das Dores – Simba, Das Dores – José dos Montes, falarei sobre esses porque são os principais. Essas relações irão nos ajudar a entender quando um corpo é marginalizado, quais os conflitos percebidos nessas relações e quando o poder se desloca, chegando também ao entendimento do que ser mulher é, pois, a obra retrata a realidade compreendida na Zambézia colonizada, e o quanto esse lugar passará

a ser oprimido (ou mais oprimido, já que a colonização intensifica essa violência de gênero já existente no lugar).

Falar sobre papéis de gênero na obra me coloca a questionar situações como os diálogos sobre as preferências em se gerar filhas mulheres a filhos homens, isso é posto como preferível quando se compara os tipos de violência que serão sofridos nesse contexto colonial, filhos homens podem ser escravizados, traficados, presos, podem se tornar ladrões e vivem rodeados de perigo, mas as filhas mulheres, como mostra os desejos de José dos Montes, “nascem com uma mina de ouro dentro delas e caçam o sustento no suor dos homens”( CHIZIANE, 2018, p.61), a personagem roga por uma filha menina e aí se coloca presente a discussão sobre sexo:

— O que gostarias? Homem ou mulher? — pergunta Delfina para suavizar o momento. — Homem? Ah, Delfina, homem? Um homem é estrada. Guilhotina. Cela de uma prisão. Um par de algemas. Um fuzil, uma bala, uma farda militar, uma cova nas entranhas da terra. O homem é um caminho sinuoso, perigoso. Um foguetão rasgando os caminhos do desconhecido. Com o nascimento do filho homem, a ilusão da continuidade. O apelido de uma família. Que importância tem um apelido, se o mundo é autônomo e o homem anônimo? Será que Deus conhece os apelidos de todas as estrelas da Via Láctea? Talvez o apelido se compare ao nome das constelações. E as constelações tenham a forma de uma tribo. — Não queres um filho homem? — Homem não, Delfina. Que Deus nos dê, sim, a bênção de um filho mulher. José dos Montes fecha os olhos e respira fundo. Na breve ausência medita. E roga. **Que seja uma menina, sim. Prostituta, borboleta do cais, carne dos marinheiros. Que seja sexo à venda, ao grama, ao quilo. Que durma com qualquer branco por causa do sal e do açúcar. Que seja deusa do amor, vaca sagrada. Que seja tudo menos homem.** Quero uma menina, sim, para alegrar a minha existência. Por essa criança matarei e morrerei. Por ela acenderei todas as fogueiras e farei todas as rezas para que permaneça ao meu lado. Por ela farei todas as guerras para que haja calor e alimento neste ninho. (CHIZIANE, 2018, p. 140, grifo meu)

Essa distinção das violências pensada pela lógica de que a venda do sexo é preferível a qualquer outra violência sofrida por um filho do sexo masculino nos faz pensar que nesse lugar, para os que vão determinar quem se torna o quê na sociedade colonial e para esses homens, os que sofrem a violência os que a aplicam, ser mulher e ter qualquer mal aplicado a esse corpo feminino não é tão grave, já que ela é produto, é objeto, não é dona de si, está em uma posição inferior, a sua honra não pertence a ela.

José dos Monte fala da perspectiva de um homem negro e para ele a visão sobre gênero pensará a mulher sem compreender a relação gênero e raça, diferente da visão que tem sobre si. José se pensa como homem negro que é inferiorizado pela raça, ele tem a consciência de que está subordinado aos homens brancos no contexto colonial. Mas esse olhar não se aplica as mulheres negras, então ele não vê, não toma consciência da gravidade de um corpo feminino que sofre violência porque ele não entende que a elas resta os lugares mais marginalizados na sociedade, não vê que estão passíveis de sofrer violência tanto dos homens brancos, das mulheres brancas, como dos homens negros e que para essa violência aplicada a corpos femininos negros não haverá punição.

Os questionamentos sobre a visão desses corpos não buscam diminuir a violência sofrida por homens negros que foram colonizados, vendidos e traficados, tirados da sua terra, mas sim olhar e procurar entender a importância entre essas relações de gênero nessa terra narrada por Paulina.

Ainda falando sobre Maria das Dores temos nessa personagem uma vida traçada de modo muito parecido com o de sua mãe.

Nos tempos novos a sociedade se autocorroía em nome de uma modernidade arrastando centenas de semelhantes à marginalidade e à loucura. (CHIZIANE, 2018, p. 264)

(...)

Maria deve ter sido casada e repudiada. Por esterilidade. A obsessiva ideia da mulher mãe afasta a mulher estéril da categoria humana.

As loucas criam fantasias e projetam no espaço histórias inverossímeis. (CHIZIANE, 2018, p. 278)

Maria das Dores é apresentada logo no início da narrativa como uma mulher desconhecida que é vista como louca. Entender os movimentos dessa mulher na obra nos leva a pensar onde surge sua possível loucura. A personagem tem a virgindade vendida pela mãe - pois esta tenta manter seu status -, e passa por violências tão intensas que em um determinado ponto da narrativa entrará no limite do corpo e de sua mente, *escolhendo* a loucura. Maria das Dores é mantida como prisioneira do homem que a estuprou, Simba. Dentro da noção binária na relação entre gêneros, Joan Scott (1995) compreende esse campo como motivador, ou articulador, de relações de poder. Assim, podemos perceber Maria (feminino) como elo na relação homem-mulher em que, por conceitos normativos

concebidos pelo Estado, educação etc., aceitos e praticados na sociedade, a tentativa de subordinação surte efeito.

Ela tem sua humanidade reduzida e acaba num lugar de submissão forçado. Pensando o corpo de Maria das Dores dentro de uma perspectiva foucaultiana, podemos perceber uma mulher que passa por punições corporais quando mantida amarrada dentro da casa do feiticeiro (dominador e detentor do poder) e que tem essas punições deslocadas do corpo para a mente/alma, quando constantemente ameaçada de perder os filhos ou nunca mais conseguir sair da situação imposta a ela. Ainda podemos perceber nela uma mulher que luta contra o silenciamento imposto pelas masculinidades do lugar.

Nessa relação de controle vivenciado por Maria das Dores, temos nas intenções de Simba não apenas uma questão de poder e dominação sexual, mas econômico. A ideia inicialmente percebida é de que Delfina negocia a virgindade da filha pela melhora no seu negócio do pão, porém para Simba nunca houve a intenção de “devolver” a menina. Ele a detém consigo como propriedade e no momento em que a personagem completa 18 anos se casa com ela e passa a administrar toda a fortuna que Soares deixou para a filha. Maria das Dores sofre um processo de invalidação que não é só discursivo, ele é efetivado por um laudo de insanidade mental. Maria Das Dores é silenciada e subordinada judicialmente.

Sou a esposa do Simba, canonicamente casada, numa cerimónia sem festa nem bolo. Casei com um vestido feito com pano de lençol branco, comprado no mercado, foi feito por um costureiro de rua, daqueles que se sentam nas varandas das lojas. Nem vieste, minha mãe. Nem houve convidados. A cerimónia foi breve, despachada, foi só entrar na igreja, assinar os papéis e sair pouco depois. O Simba estava feliz, guardou a certidão no bolso, foi deixar-me em casa e saiu. Tratou de extrair uma certidão de insanidade mental por consumo de estupefacientes que ele próprio me administrava.

Uma das mulheres, revoltada, desabafou um dia.

— Que casamento o teu, Maria das Dores! Nem a tua mãe foi convidada. Com tanto dinheiro que herdaste, não houve nem uma festa, nem pompa, nem um manjar diferente, nada! Por que é que o Simba se apressou a levar-te ao altar mal atingiste dezoito anos? Casou, sim, com a tua herança. A nossa vida melhorou com o teu dinheiro. Agora vivemos bem, será que tu não vês?

Então ela começava a compreender o que antes não via. O casamento apressado mal fez dezoito anos. O entorpecimento. A insanidade mental. Assusta-se: o próximo passo será a minha morte, tenho que sair daqui. Tenho que encontrar o meu lugar, o meu abrigo, onde possa

acender a fogueira e contar belas histórias aos meus pequenos, bem longe deste lugar. (CHIZIANE, 2018, p. 272-273)

O método usado por Simba para concretizar a visão de que Maria das Dores é uma mulher desajuizada, sem condições de tomar decisões e ser responsável por gerir as próprias vontades é alcoolizá-la e drogá-la, alucinógenos que “administram a sua ansiedade” e com isso ter uma mulher inválida sobre a qual ele pode aplicar seu poder e controle. Nessa situação em que Maria das Dores vive, incluindo aí uma vida sexual ativa, é importante lembrar e considerar na nossa análise que esse homem pratica esse domínio desde que ela tinha 13 anos de idade e mesmo sabendo que as idades de casamento dentro de uma realidade moçambicana entre um período anterior à colonização e no período colonial algumas meninas são iniciadas nesses conhecimentos sobre sexualidade ainda novas ou a partir da menarca.

Quando pensamos sobre isso, estamos diante de um cenário em que há poder e controle chamados e demonstrados como amor, essa é a percepção que ela terá, de que Simba a ama, mas que enfim será entendido por ela em um determinado momento o que faz com que fuja junto com os filhos, mas como essa mulher já é debilitada pela forma que vive, o caminho que percorre para fugir acabada resultando em um colapso onde perde os filhos (questionável)<sup>15</sup> e essa perda é o que gera a histeria, a loucura pela qual a personagem será conhecida em grande parte da narrativa.

---

<sup>15</sup> Entendo o processo da perda dos filhos como algo questionável porque Maria das Dores tem como objetivo, nesse ponto da narrativa, tirar os filhos do convívio com Simba. As experiências dela com o feiticeiro tornam esse momento em que a personagem chega aos montes Namuli o ápice, momento em que atinge seu objetivo, ela então desmaia e é resgatada junto com as crianças, levada para um hospital onde é internada. Os filhos de Maria das Dores ainda estão com ela nesse ponto da narrativa. A freira que aparece resgata (sequestra?) as crianças porque Maria não tinha condições físicas e psicológicas de criá-las, ela já era uma mulher com dependência química, beirando à loucura.

### PARTE 3 - COLONIALISMO

*Colonizar é fechar todas as portas e deixar apenas uma. A assimilação era o único caminho para a sobrevivência. (CHIZIANE, 2018, p.114)*

No capítulo anterior falamos sobre os conflitos gerados pelas relações de gênero no romance de Chiziane, agora, temos como foco de análise a colonização e como ela está presente em *O Alegre Canto da Perdiz*. Traçarei a relação da colonialidade com a questão de gênero, a intensificação dessas violências a partir da interferência colonial para entendermos se a ótica sobre o conflito muda, ou o quanto muda, a partir do contato entre colonizadores e colonizados.

Durante a leitura dessa obra pude perceber que além do cenário colonial, essa história nos apresenta o colonialismo quase como um personagem que não só interfere, mas é articulado, molda as ações como um mecanismo vivo. É importante compreender a questão colonial se vinculando nas relações e o quanto esse poder interfere nas questões de conflito referentes ao gênero ali na Gurué.

Os diálogos que iremos evidenciar traçam uma relação com os efeitos causados por uma cultura colonial em que o modelo social é imposto pelos colonizadores portugueses. Vemos como a interação entre homens e mulheres é mudada pela estrutura colonial e como as questões sobre ser mulher e a negritude delas é percebida nesse contexto. Inclusive numa tentativa de perceber como isso vai afetar as masculinidades e que relação isso possui com a invasão e apropriação territorial, com é visto nas falas da própria Delfina, por exemplo.

Esta é a Delfina. De aura magnética, fazendo cada homem vogar no sonho da transcendência. Movendo os corações com fogo, brisa, tempestade. A sua presença inspira música, dança, chuva. Homem nenhum fica indiferente ao chamamento de uma estrela.

— Tens a ideia da gravidade da tua proposta? Que será de mim se as autoridades descobrirem esta trama? Serei imediatamente morto ou deportado. As curandeirices são proibidas neste regime. Para esses brancos, a magia é coisa do diabo.

— Não serás o primeiro nem o último deportado. Antes de ti houve outros tantos. Heroicamente mortos ou deportados sem matar nem ferir ninguém. Neste mundo quem faz bem ganha o inferno.

— Não quero complicações com este regime. Deixa-me em paz.



— Simba, tu és homem mesmo?  
— Duvidas de mim?  
— **Absolutamente. Na Zambézia não há homens. É por isso que os invasores vieram e se instalaram. E dormem com as vossas mulheres. O José perdeu-me por não ser suficientemente homem.**  
Delfina lança o manto vermelho na velha tourada e o homem reage de imediato como touro ferido. (CHIZIANE, 2018, p. 210, grifo meu)

O questionamento sobre a masculinidade de Simba nessa relação de enfrentamento do regime colonial é a forma como Delfina encontra de conseguir com que ele faça o que ela quer, essa interação coloca dois aspectos em uma relação de conflito, poder e masculinidade, Simba representa a tradição moçambicana, o contato com os espíritos, já os homens do regime, ou Soares, que é quem Delfina deseja enfeitiçar, representam o novo, o colonialismo trazido pelos homens brancos.

Delfina provoca Simba apontando que o resultado da colonização e de toda a opressão vivida pela Zambézia é consequência da falta de homens que lutassem por ela, pela própria terra, para mantê-la livre. A masculinidade do homem moçambicano é questionada pela permissão anterior, de deixar a terra ser invadida, e pela efetivação do colonialismo.

Falar sobre a colonização moçambicana evidencia a violência exercida sobre a sociedade executada pelos agentes coloniais, quando falamos sobre como a violência acontece entendemos que um lugar, dentro da sua política, sociedade, cultura, tem em si aspectos geradores de conflito, porém quando discutimos sociedades que passaram por processos de invasão teremos aí uma intensificação dessas situações, porque além do que já fazia parte desse ambiente acontece agora a violência trazida e aplicada a esses corpos vistos como inferiores e não civilizados.

O colonizador irá entender essa sociedade como precária e atrasada sendo ele, o que vem de fora, o detentor dos processos civilizatórios e essa civilização é trazida e aplicada pela imposição violenta da cultura europeia. Essa visão fazia com que os territórios onde havia a exploração colonial, que eram vistos como os espaços rurais, fossem sinônimos de atraso, a validade do conhecimento existente na colônia era limitada apenas aquele espaço, como aborda Maria Paula Menezes:

Por outras palavras, constituiu-se uma fractura abissal entre o funcionamento do espaço imperial e os territórios das colónias. As realidades que ocorriam no espaço colonial não comportavam as normas, os conhecimentos as técnicas que se usavam no espaço civilizado. Criou-se assim um princípio ‘universal’ onde os saberes das colónias apenas possuíam um valor local, transformando-se o colonial em metonímica de violências, atraso, degradação e subdesenvolvimento. (MENESES, 2010, p.154)

O texto literário analisado aqui retrata uma sociedade sofrida que vive não só a guerra, mas também todo o resultado da invasão, escravidão e exploração da terra e do povo. Essas situações são retratadas e ficam numa linha tênue entre o romance ficcional e talvez um retrato histórico, não afirmo que o que a autora faz se vincula sempre com uma realidade social, mas há a possibilidade de estarmos lidando, ao observar essa literatura, com os contornos das experiências moçambicanas entre o período colonial e pós-colonial.

Algumas mulheres recordam o conto e sorriram de esperança. A mulher do régulo reconhece que a fantasia das suas palavras surtiu efeito. Aquela louca simboliza o mundo novo da guerra, das doenças, da exclusão social, ao qual todos se encontram sujeitos. (CHIZIANE, 2018, p.18)

— De onde viemos nós? — aguarda a resposta que não vem, e afirma: — Éramos de Monomotapa, de Changamire, de Makombe, de Kupula, nas velhas auroras. O poder era nosso. Lembram-se desses tempos, minha gente? Não, não conhecem, ninguém se lembrou de vos contar, vocês são jovens ainda. Unimo-nos aos changanes, aos ngunis, aos ndaus, nhanjas, senas. Guerreámo-nos e reconciliámo-nos. Fomos invadidos pelos árabes. Guerreados pelos holandeses, portugueses. Lutámos. As guerras dos portugueses foram mais fortes e corremos de um lado para outro, enquanto os barcos dos negreiros transportavam escravos para os quatro cantos do mundo. Vieram novas guerras. De pretos contra brancos, e pretos contra pretos. Durante o dia, os invasores matavam tudo, mas faziam amor na pausa dos combates. Vinham com os corações cheios de ódio. Mas bebiam água de coco e ficavam mansos e o ódio se transformava em amor.

As mulheres se parecem com coco, não acham? As mulheres violadas choravam as dores do infortúnio com sementes no ventre, e deram à luz uma nova nação. Os invasores destruíram os nossos templos, nossos deuses, nossa língua. Mas com eles construímos uma nova língua, uma nova raça. Essa raça somos nós.

*Foi assim que viemos.  
De longe  
Daquele lugar de onde partimos  
Para nunca mais voltar*

Somos de diferentes gestas. Diferentes ventres. Diferentes lugares. Uns nascendo nos canaviais, outros na estrada. Uns no alto mar. Outros em camas douradas dos príncipes. Uns fugiram de casas de luto cobertas de fogo. Fogo posto. Por demónios. Demónios que incendeiam as águas dos rios. Outros nasceram da solidão dos guerreiros, solidão de heróis. Heróis vencedores e vencidos. Somos heróis do Atlântico, heróis da travessia dos mares bravos, para a escravatura na Guiné, Angola e São Tomé. Temos o sangue dos franceses, brasileiros, indianos de Goa, Damão e Diu, desterrados nos palmares da Zambézia. Viemos da nobreza e da pobreza. Viemos em passos silenciosos dos fugitivos, em passos agressivos de conquistadores. Nascemos diferentes vezes com diferentes formas. Morremos várias vezes, silenciosamente, como os montes na corrosão dos ventos. (CHIZIANE, 2018, p.19 – 20)

A mulher do régulo busca nessa passagem trazer consciência para as mulheres que condenam a nudez de Dores, isso acontece na tentativa de perceber que essa mulher perdida e abandonada que está gerando revolta não é um inimigo e nem ameaça, é preciso que exista uma tomada de consciência para que se perceba o lugar marginalizado em que todos se encontram, e a oratória da mulher do régulo rememora exatamente isso.

O régulo seria uma figura ligada ao regime colonial que ordena um espaço dentro da colônia. A voz que faz a tomada de consciência inicial, que dará o tom ao restante da obra, é justamente vinda da mulher dessa figura política, o que talvez demonstre o início do movimento, e a importância, que a relação entre mulheres terá ao longo da narrativa.

Ao abordar nas falas das mulheres que estão em conflito com a nudez de Dores sobre os múltiplos lugares por onde o povo africano passa e com os quais tem contato devido ao tráfico humano e todo o resultado da miscigenação, essa violência se retrata silenciosa, não pela falta de questionamentos, de mortes, sangue e lutas, mas pela eficácia dos processos de silenciamento e opressão, “o esquecimento e o silenciamento são momentos centrais da colonização” (MENESES, p. 155). O texto de Meneses retrata a colonização de Moçambique e o apagamento cultural provocado pela absolvição da cultura portuguesa e do credo moral e cristão/ católico, a perda do contato com os ancestrais e os espíritos devido a esse novo credo que não só vê como demoníaco, mas limitador quando se aplica a lógica da modernização do Estado, quase como se a civilização viesse pela conversão.

A abordagem sobre a repressão política vinculada a religião trazida pelos colonos e a marginalização dos rituais de contato com os ancestrais são interessantes nessa análise porque existe esse conflito na relação de Delfina com o pai, por exemplo, e de Moyo com

José, quando percebo esses embates vejo a construção desse processo civilizatório narrada pela ótica de uma mulher, pela ótica de Paulina. O pai de Delfina, não assimilado, rejeita a cultura do invasor e sofre nesse processo a inferiorização que acontece com o homem negro dentro desse regime, porque o acesso a todos os modos de vida que não são precarizados vão ser negados aos não assimilados, isso quando não são mortos e escravizados, o homem tem a sua sina traçada justamente pelo contato “pacífico” entre o branco e o negro, que acontece quando está andando com sua neta Maria Jacinta e é espancado pelos homens do regime por estar com uma menina branca. Moyo também sofre esse embate de cultura na sua relação com o sipaio José que vê na sua assimilação o poder do homem branco mesmo mantendo sua nostalgia pelos rituais, é nesse processo que o assassinato de Moyo acontece, José mata o amigo que nega ao assimilado assassino de pretos o contato com os espíritos.

Nesse sentido falamos sobre o que os portugueses articulam dentro do poder dado pela opressão colonial resultando na “reeducação” a partir da cultura e da religião (cristã e europeia), que será um fator importante nas mudanças dos costumes moçambicanos.

Na relação colonial o poder se estrutura pela violência e imposição, por mais que entendamos, a partir de Foucault, que o poder não é algo adquirido e mantido por um indivíduo quando falamos da forma como ele acontece em sociedades que passaram pela colonização temos a sua manutenção acontecendo pela anulação do outro, nesse caso um indivíduo que não se entende como sujeito também não conseguiria entender o poder como algo mutável, sendo quase impossível reivindicá-lo.

Então teremos nesse cenário Moçambique como “território de Portugal” passando por um processo civilizatório pregado como essencial e importante para o progresso.

A verdade europeia, já não apenas religiosa, mas também cultural, científica, técnica e organizacional, tinha de ser levada a todos. A nova abordagem ideológica pacificava a consciência do velho continente e conciliava, no plano teórico e teológico, os imperativos da expansão econômica com os princípios éticos defendidos pelo liberalismo. O domínio de territórios do ultramar representava-se como uma reciprocidade de benefícios: se a Europa se apoderava de “riquezas inexploradas”, os africanos se beneficiariam da civilização e do progresso. A ideia, de tão forte ainda hoje circula, semiclandestina, nos areópagos das antigas metrópoles. (CABAÇO, 2008, p.85 -86)

Cabaço trata da forma como Portugal adentra ao território africano e quem é que executa essa exploração do lugar, assim é perceptível que a dominação é um processo feito majoritariamente pela igreja católica impondo uma visão eurocêntrica, mas esse processo vai ser visto pelo autor como “ignorância e má governação”, visto que diferente do resto da Europa o conceito de progresso e civilização trazidos por Portugal são retrógrados. A forma como Moçambique é colonizada é extremamente violenta e preconceituosa, todavia ela se mantém eficaz pelas trocas econômicas que favorece, mesmo tendo sua estrutura colonial entendida como fraca e os seus processos considerados como prejudiciais e atrasados. Sobre isso Cabaço diz que:

[...] o atraso económico e social da sociedade portuguesa obsteu à acumulação e reprodução dos lucros provenientes da empresa colonial, permitindo uma presença mais incisiva nos destinos dos territórios dominados e remetendo, em grande parte, para a responsabilidade da igreja católica a ação de dominação/ desestruturação cultural; assim, ao contrário de outros processos colonizadores, o português foi dominado pela ciência jurídica, baseada na conjugação dos interesses metropolitanos com relatos e relatórios frutos da “pesquisa de campo” empírica, normalmente eurocêntrica e preconceituosa, de funcionários, missionários, visitantes e colonos, o que condicionou um processo *sui generis* de formação da sua ideologia nacional-imperial. (CABAÇO, 2009, p.93)

Retratando a imagem do colonialismo como vinculado ao catolicismo e ao patriarcado, são normais situações em que o controle da colônia, assim como as decisões acerca de quem tem o status de cidadão, se encontra na mão da igreja católica. A rejeição que Delfina sofre quando tenta estudar na escola regida pelas freiras ou frequentar a igreja vem da visão inumana pela qual ela é percebida, e que ainda será agravada porque desperta desejo, porque distraia o padre.

Vemos também o porquê da efetivação da ideia de que Maria das Dores está perdida (foi condenada), mesmo tendo sido violentada e mantida presa por Simba, não é apenas a estrutura econômica que passa pelo filtro da moral católica e sim toda a ideia social de certo e errado, a salvação de Dores é impossível porque ela foi maculada, e a igreja não aceita mulheres que tiverem seu vínculo com o sagrado profanado.

Já Maria Jacinta é acolhida junto com os outros dois irmãos, a personagem ainda tenta resgatar a irmã, mas isso é negado pelas freiras. Dores é vista como perdida por ter tido relações sexuais fora do casamento, já que ainda não tinha idade para casar-se, e por estar grávida do feiticeiro, mesmo não tendo culpa do acontecido é rejeitada, a perda da

virgindade é entendida como a perda da inocência, não sendo levado em consideração que isso aconteceu por meio de um estupro.

Elena Brugione (2019) aborda em um capítulo intitulado “Literaturas africanas e pós-colonialidade” essa relação entre a escrita literária e a realidade social em *Things fall apart*, de Chinua Achebe. A autora pensa até que ponto se aproximam etnoantropologia e literatura para se analisar essa obra, quando ela pode ser considerada como dado antropológico para se pensar e observar a colonização em África e quais os problemas que existem nessa relação, não que a autora determine a relação como problemática, mas ela irá discutir autores que veem a problemática. Contudo, há a análise do contexto em que a obra de Achebe foi escrita e como ela funciona para pensar e criticar a colonização entendendo que não se encontra ali “apenas uma resposta autenticamente africana ao discurso colonial” (BRUGIONI, 2019, p.57).

Tendo em vista a análise que Brugioni faz de *Things fall apart* traçarei esse caminho pensando *O alegre Canto da Perdiz*, na intenção de olhar para a colonização que está sendo escrita por Paulina e relacionar os cenários produzidos pela obra com a realidade vivida pelos moçambicanos tanto no período colonial, que é o tempo narrado, quando o resultado que é efetivado pela colonialidade em si.

### **3.1 Retratos coloniais em O alegre canto da perdiz**

A narrativa captura a força com que a colonização acontece para essa sociedade africana. Nesse sentido, é possível nos questionarmos sobre a intensidade dessa violência que está desde a forma como o africano verá a si e questionará a sua identidade até a escravidão, o tráfico, o estupro, e as consequências que podemos perceber dessas coisas tanto isoladas quando associadas.

José dos Montes é induzido a assimilação na tentativa de manter Delfina como sua mulher e efetiva essa condição porque como homem condenado não lhe restam opções e isso acontece devido a forma como essa assimilação é apresentada e a tentativa de convencimento de que a colonização traz progresso, traz civilização. O homem africano é levado, aqui, a crer que suas crenças, sua forma de vida, são selvagens. Esse convencimento não vem de uma aceitação passiva e submissa, mas das impossibilidades

já que sem aderir a cultura do colonizador esse povo não possui direitos, está constantemente condenado.

Quem não se ajoelha perante o poder do império não poderá ascender ao estatuto de cidadão. Se não conhece as palavras da nova fala jamais se poderá afirmar. Vamos, jura por tudo que não dirás mais uma palavra nessa língua bárbara. Jura, renuncia, mata tudo, para nasceres outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagãos. José faz o juramento perante um oficial de justiça, que mais se parece com um juramento de bandeira. Com pouca cerimónia, diante de um oficial meio embriagado.

— Eu juro — repetia.

— Juras abandonar essas crenças selvagens, a língua atrasada, e a vida bárbara?

— Sim, eu juro.

— Bom rapaz. Agora assina aqui.

José assina o documento que o transforma em assimilado. Mesmo sem ler. As suas capacidades didáticas não lhe permitiam semelhante luxo. Assinou apenas. Embasbacado aguarda os resultados, os novos mandamentos que não demoraram a vir.

— Já és assimilado. E serás sipaio a partir de hoje.

— Sipaio?

— Sim. Tens muita fibra nesses músculos. És um negro de bom porte para sipaio.

— Mas...

— Psiu, silêncio. Aqui não há perguntas. Queres ou não ser assimilado?

— É que não sei como ser sipaio.

— Não te preocupes, aprende-se depressa, não custa nada.

O oficial entrega um envelope lacrado contendo dinheiro para comprar roupas condignas com o novo estatuto. Muito dinheiro.

— Para quê?

— Para comprar roupas dignas do teu novo estatuto.

— Sim, chefe. (CHIZIANE, 2018, p.114 – 115)

São dois os momentos que iremos abordar que falam desse processo de assimilação, um é a de José que passa a ser sipaio e torna-se o terror da sua própria raça e o outro é de Lavaroupas da Silveira. Essa personagem aparece em apenas um momento na narrativa, mas sua história aborda o que esse homem que abdicou da sua cultura se torna e as consequências para ele como indivíduo e para sua família, que também sofre esse processo levando-o a prostituir a própria mulher.

Lavaroupas da Silveira é o homem a quem José dos Montes procura depois de descobrir que Delfina gerou um filho branco. A casa de Lavaroupas é o resultado do encontro de raças, ele tem filhos negros, brancos e indianos. Esse homem é o que irá mostrar de uma forma mais explícita em que resulta o contato entre colonizadores e

colonizados e sobre qual modernidade estamos falando com as ideias geradas pela assimilação.

Lavaroupas aluga a própria mulher e com isso passa a adquirir algumas coisas como casa, horta, palmar, roupas, sabão, tempero, farinha, ele leva a vida de assimilado e sua decisão de comercializar a mulher é consequência de vários fatores, entre eles a beleza dela ser cobiçada por esses homens poderosos (colonizadores) e o benefício comercial que ele tem sendo o que medeia essa relação. A problemática aqui está talvez na submissão, mas quando lemos a história que Lavaroupas conta a José podemos nos perguntar que saídas existem para um homem negro, que era escravo, moldar a realidade a sua volta sem aceitar as consequências dessa assimilação.

A história de Lavaroupas traz duas perspectivas sobre como os jogos de poder acontecem e o que pode ser analisado dessas situações apresentadas por Chiziane na narrativa. Primeiro existe o fato sobre o aluguel da mulher, aqui, se evidencia o lugar que elas ocupam quando sua sociedade passa por um processo violento de subordinação, resta a violência que há em ser mulher e absorver diversas formas de abuso que sempre se deslocam para o corpo, o lugar onde o poder será imposto. O segundo está na condição do homem que perde os aspectos de dominação para uma outra masculinidade, que se beneficia de privilégios conquistados a base da escravidão e imposição de força.

Lavaroupa da Silveira ergue os olhos ao alto. E navega na constelação rica de lembranças. Recordando as noites do infortúnio em que, renunciando à própria dignidade, fechava os ouvidos ao linguarejar cáustico do mundo.

— Suportei a vergonha de ter nascido homem. Carreguei a minha fraqueza no alto da cabeça, eterno cornudo. Como as palmeiras, verguei aos açoites do vento. Suicidei os meus sonhos e sobrevivi. Estou aqui diante de ti. Triunfante. Sobrevivente. (CHIZIANE, 2018, p. 195)

Então, nesse cenário é possível perceber a forma como CERTOS homens vão elaborar essas estruturas, o que me faz questionar se Lavaroupas sente uma noção relativa à “recuperação de poder” quando “possui” e comercializa esse corpo que esses colonizadores querem usar, há um benefício própria na conquista de bens materiais que passam a ser adquiridos porque essa personagem impõe um controle sobre o corpo de sua mulher dado pelo casamento. Posso até comparar com a situação de Delfina, que comercializa a si, a sua prostituição abarca diversos problemas, mas enfatiza o domínio do corpo que não passa por uma masculinidade, José não prostitui a própria mulher e não tenta se beneficiar com isso, pelo contrário, ele a marginaliza.



Lavaroupas já era escravizado e conhecia o processo de inferiorização. A sua escolha é vista por José como condenável, o sipaio pergunta como o homem foi capaz de entregar a própria mulher, no que o outro responde “Era uma condição de existência”. Há na conversa entre o assimilado e o sipaio todas as armadilhas escolhidas por esses homens na ideia ilusória de libertação, pois como afirma Cabaço, (2009) por mais que os assimilados fizessem seus esforços de abdicar de si, da sua dignidade e da sua cultura não alcançavam nas relações sociais o lugar dos homens brancos.

O processo por que José passa leva a diversos acontecimentos que estão entre problemas nas relações de gênero e efeitos da colonização, e há relação entre ambos. Falando dele como um homem assimilado, que é feito sipaio, José serve o regime e nesse seu processo vai sentindo prazer nas torturas que pratica, exemplo disso quando conta sobre sua relação com Moyo, um feiticeiro que faz parte da resistência e também foi amigo de José dos Montes, cuidava dele quando sofria os castigos de condenado. Vejo o processo desse personagem em relação ao seu envolvimento com os brancos semelhante ao de Delfina, a aproximação que ele faz desse mundo vem pela força e violência, a dela veio pelo casamento e reprodução de filhos mestiços, mas os dois quando entram em contato com os dominadores, os que possuem o controle, acreditam que essa vinculação os distancia do seu povo e aproxima dos brancos portugueses. Porém o fato de acreditar que o regime os vê como semelhantes é a causa das suas quebras e das mudanças nas histórias das personagens.

O nome de José dos Montes entra nas cantigas da roda e no choro dos condenados. São anos de glória que as ondas esbatem e o futuro recordará como fábulas, lendas, cantigas de escárnio. O colonialismo é macho, engravidou o ventre da tua mulher. Roubou o beijo da tua namorada e o sorriso dos teus filhos. Oh, o chicote do branco é uma carícia, não dói. O chicote verdadeiro é o que assobia nas mãos do teu irmão. Chapada de branco é esponja sobre a pele, não é nada. A mão do preto tem calos, cicatrizes, tatuagens, espinhos. Dura como ferro. Pica, fende, fere, quebra. E dói ainda mais porque é teu irmão. A injúria de branco é estrangeira, passageira. Mas a do teu irmão é espinhosa, o preto José passou para o lado dos brancos. (CHIZIANE, 2018, p.130)

Essa citação acima retrata bem a visão que José adquire sobre si, a personagem gera medo nos seus semelhantes por sempre está vinculado e ser aquele que prende e mata os homens que fazem parte da resistência ao regime português. Mas o que podemos compreender é a fragilidade desse lugar que Montes ocupa, já que ele também representa

um perigo para os militares, sendo um homem forte e inteligente em construir estratégias para acabar com os grupos de resistência acaba tendo a sua destruição articulada e ela vem pela perda de Delfina, a mulher aqui será assediada pelo chefe de José e dará à luz um filho branco.

O colonialismo impõe seu poder, sua dominação de todas as formas, a associação do domínio do sexo e dos corpos das mulheres e homens africanos sendo pertencente ao regime nos deixa claro o que Cabaço( 2009) retrata quando fala sobre a dominação que os portugueses trazem, a forma como essa ideia de civilização acontece, que parte de uma anulação do outro pregada pela “superioridade” do europeu, pela exaltação de si porque o africano é “selvagem” e necessita da assimilação pra ser não apenas cidadão, mas para ser considerado, malmente, gente.

O processo que vê o outro como inumano claramente irá ultrapassar as barreiras morais que veriam como errado fornicar, ou desejar a “mulher do outro”, essa relação talvez existisse quando se tratava de mulheres brancas, mas não se aplicaria a Delfina. Conceber um filho do patrão, ao contrário da desonra, seria benéfico, porque é dessa forma que é visto o processo de embranquecimento.

A criança é branca como a casca de um ovo, os padrões acabam de presentear-lo com um filho. Para colorir a casa e afastar da família o negro, estigma de uma raça. Meu Deus, uma filha mulata num casal de negros. De quem será o esperma? Do patrão? Do dono da plantação? Da garganta de José o relinchar de um cavalo moribundo. Ah! Os marinheiros fizeram do sexo uma arma de guerra. Venceram e tudo pertence ao regime: o esperma, o óvulo, o sangue, os braços dos homens e o sexo das mulheres. Por isso Delfina lançou as sementes do futuro: a raça que o Éden não projetou mas o amor criou (CHIZIANE, 2018, p.181).

José dos Montes vê na nova criança a sua desonra, mas a realidade é que a manutenção da sua masculinidade é inferior a manutenção do poder dos seus padrões, inclusive sendo arquitetada o uso de Delfina para acabar com José, um sipaio que havia adquirido alguma fama pelo uso excessivo da violência contra o próprio povo.

Há no processo civilizatório uma relação com o Deus ocidental, com o cristianismo, porque, como dissemos anteriormente, esse indivíduo colonizador precisa dar ao africano uma história e uma cultura, assim como um credo, ele tem “especial relação com um Deus ‘verdadeiro e universal’ [...]. Sua face terrena é imagem que o

sujeito colonizador, ‘o que conhece Deus’, produz acerca do indivíduo objeto da colonização: o africano negro ‘imerso nas trevas’...” (CABAÇO, 2009, p. 100-101), isso em contato com a violência com a qual essa assimilação e processo de colonização acontece deixa claro que a violência em todas as suas instâncias, inclusive sexual, quando praticada por esse civilizador, homem branco, ela está acontecendo como um processo civilizatório, o estupro, assim, não é nada além de parte da conversão/civilização.

A obra de Chiziane, quando narra o estupro de Maria das Dores, faz uma relação com a criação, segundo a bíblia, em que o homem que pratica tal violência se assemelha ao “criador amassando o barro, moldando uma escultura à medida da sua inspiração. Ser mulher é mesmo assim, não custa. Basta uma facada, uma dor e um grito: - Pai...” (CHIZIANE, 2018, p. 253-254), mesmo que o estupro tenha acontecido pelas mãos de Simba, um homem preto, a descrição associa esse processo de “conversão”, de conhecimento bíblico, a uma violência porque é a base do processo civilizatório, mas no caso de Dores, ela será considerada perdida.

Poderíamos entender que o processo civilizatório, ou essa conversão não foram eficazes para haver uma salvação porque Simba não é civilizador, não chega a ser nem assimilado. Ele é um criador “imerso em trevas”, o seu poder vem dos espíritos, dos mortos. Maria não é aceita pela igreja, pelas freiras, porque além do vínculo com o bruxo, existe a perda da virgindade, que nesse contexto, será pior que a violência do estupro. Ela está perdida porque não é considerada pura, e não porque sofreu uma violência, e a pureza da mulher para a igreja é vinculada a virgindade. Entendendo isso, podemos dizer que existe a absolvição, o perdão, para o homem porque o ato da violação busca converter, transformar o que estava “perdido”, mesmo que ele não seja eficaz. Para elas, sempre a culpa, não existe salvação, independente de quem pratica esse processo civilizatório ser um homem branco, vinculado a deus, ou não.

Simba não tem a imagem de pai, mas tem a de criador porque é ele que molda as circunstâncias que Delfina irá viver quando enfeitiça Soares pela primeira vez, é ele também quem quebra o feitiço que faz a mulher procurá-lo novamente, isso culmina no estupro de Maria das Dores, que será narrado como um ato da criação humana, violenta. Simba marca as relações que serão vividas entre Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta.

O pai que a personagem tanto chama durante o estupro é José dos Montes, que foi embora depois de descobrir que o filho de Delfina era branco. O nascimento dessa criança

mestiça é, para a família, tido como algo ruim, traz desgosto para o sogro de José assim como para ele - “Delfina acaba de parir uma desgraça” – nesse momento o homem se dá por vencido pelos patrões, pelo regime porque esse nascimento e o ato anterior, o de Delfina deitar-se com um branco, macula a honra de José e o tira do lugar de sipaio sanguinário e temido para um posto de submisso, a criança representa uma herança da colonização. Ela demonstra que por mais que ele lutasse pelo poder ao lado dos colonizadores e tivesse armas, as suas não eram tão fortes quanto as do regime e que mesmo aliado não seria igual a seus patrões.

Ah! Os marinheiros fizeram do sexo uma arma de guerra. Venceram e tudo pertence ao regime: o esperma, o óvulo, o sangue, os braços dos homens e o sexo das mulheres. Por isso Delfina lançou as sementes do futuro: a raça que o Éden não projetou mas o amor criou. (CHIZIANE, 2018, p.181)

Quando José vai embora, ele também abandona Dores: o chamamento que a menina faz durante a violação que sofre tem semelhanças com a narrativa bíblica, com Jesus clamando por Deus em sua crucificação e entendendo o abandono. Maria das Dores sempre sonhava que seu pai preto iria retornar, no seu momento de maior dor ela acredita que esse homem assumiria um papel heroico e a salvaria. José quando descobre a primeira gravidez de Delfina deseja uma filha mulher, ele promete que fará tudo por ela e permanecerá ao seu lado, mas isso não se cumpre, os clamores de desespero de Maria não são ouvidos por ninguém além de Delfina, que sonha (delira) que depois da sua dívida paga iria proteger a menina e não deixar mais nenhum mal lhe atingir. O pai que representaria um ser todo poderoso não aparece.

Podemos entender que o acordo entre Simba e Delfina é selado com o estupro, com o derramamento do sangue de Maria, é esse momento que torna a dívida que a mulher tinha com o bruxo paga. Maria das Dores serve como moeda e é a partir dela que teremos uma quebra entre o que foi a vida dessas mulheres e o que elas irão se tornar. A violação da menina, diferente da crucificação de Jesus, não redime ninguém, representa um pacto pequeno para Delfina e a perda da filha, não há salvação para as mulheres, há condenação.

Antonio Manoel Ferreira (2013) analisa a literatura de Paulina Chiziane como hibridismo religioso, ele ressalta nas obras da autora uma relação com o deus cristão (protestante) trazida de forma polêmica, assim como já abordamos anteriormente. Essa relação se dá pela forma como Moçambique foi colonizada e pelo modo como os colonizadores usam a força opressora para imporem as suas crenças; assim, a ideia de

deus é forçada pela lei, já que no processo de assimilação se reconhece a religião e a visão do deus do colonizador, não podendo cultuar os deuses africanos e nem continuar com os rituais que fazem parte da cultura moçambicana, a “aceitação” desse processo faz o indivíduo abdicar das suas crenças e da sua cultura.

Esse sobrenatural passa a ser um dos pontos pelo qual a mazela se instaura nos seus personagens já que “temos que nos submeter à vida que nos impõem, acreditar no Deus deles, esse ser invisível e sem forma concreta” (CHIZIANE, 2018, p.97); e esse deus invisível (protestante) não responde, diferente dos mortos que trazem suas repostas de forma imediata, o que seria parte da cosmovisão africana.

Diz o autor que

na obra de Paulina Chiziane, encontramos um hibridismo religioso que raras vezes tem o fundo pagão do catolicismo, porque, em meu entender, a escritora reflete na sua escrita uma leitura protestante da Bíblia e também porque a sua convocação do Deus cristão tem, em grande parte dos casos, um propósito polêmico, adstrito à condenação do colonialismo. Isto é o Deus imposto aos africanos pela lei da espada é mais uma das formas de opressão imperialista.

A Bíblia funciona, no entanto, nos livros da autora, como um dos intertextos mais recorrentemente privilegiados... (FERREIRA, 2013, p.90)

Ferreira ainda discute cada obra em seus retratos bíblicos. No caso de *O alegre canto da perdiz*, ele aborda a ideia de Delfina ser comparada a madalena negra por causa da personagem ser a prostituta que está sendo narrada, tanto pela ideia “pecaminosa” como pela evidência que essa prostituta tem, já que na narrativa bíblica Maria, a Madalena, é próxima de Jesus, sendo uma figura feminina muito visada pela suposição polêmica de ser prostituta e seguidora de Jesus. Delfina também se constrói dessa forma, é santa e pecadora.

Delfina ser concebida como uma Madalena pode vir associada à marginalidade da prostituição, mas também à aproximação do sagrado com o profano, nesse caso, irei associar o homem branco, civilizador, como o próximo do deus cristão, sendo o filho de deus, e Delfina, como a prostituta dos brancos, a mulher que consegue casar-se com um e que pelo casamento estaria sendo salva, não dos seus pecados, mas da miséria ou da falta de uma identidade reconhecida. Delfina feito Madalena precisa de um salvador que lhe tire os demônios do corpo e a santifique.

Distorcendo essa ideia, veremos em toda a narrativa esses salvadores caindo por terra, Delfina é abandonada por todos eles, assim aproximando a mulher à divindade porque

ela é quem vai constituir as próprias bases, Delfina não chora aos pés de um cristo esperando a salvação, ela é a personagem crucificada que desce ao inferno, e nesse processo não salva ninguém além de si mesma.

### **3.2 Colonos x Assimilados: quem tem o status de cidadão?**

A resistência de Serafina a José dos Montes, quando Delfina apresenta o noivo à mãe, mostra as impressões do que a mulher viveu nesse contato com a “modernização” trazida pelos europeus. José representa para Serafina os filhos escravizados que perdeu para o tráfico humano, que não sabe se estão vivos. Ele desperta nela a memória da perda que a colonização impõe sobre a vida das mulheres que têm filhos homens. É importante observarmos que todas as formas de existir dentro desse contado entre brancos colonizadores e indígenas trazem consequências para os colonizados em que há subalternização, perda de identidade, em que se evidencia problema na existência do outro (indígena), não humano, como é visto no fragmento abaixo:

Serafina fica com os olhos presos à imagem de José. Barro esculpido. Filho dos matagais e dos palmars. Nascido no ventre negro da escravatura. Aquela imagem desperta fantasmas, ressuscitando sóis antigos, numa viagem ao passado. O pátio da casa sitiado. Celeiro em chamas. Gente em pânico à procura de abrigo na sombra de um grão de areia. Terra em lágrimas. Gente em debandada, apanhada, acorrentada. Bastonadas de sipaios. Gritos lancinantes de filhos desaparecendo no mapa do tempo. Corpos caindo como fruta madura. Os muzambezi resistindo, avançando, matando e morrendo aos gritos: pátria ou morte, mas nunca a escravatura! Três crianças arrancadas dos braços de Serafina ao som das balas, na noite fúnebre dos sipaios. Dentro do coração da Serafina, a contradição. É assolada por um desejo irresistível de abraçar, afagar e mimar aquele jovem com ternura de mãe. O desejo é derrubado por espíritos adormecidos na tatuagem da memória. (CHIZIANE, 2018, p.90)

A narrativa se desdobra em diversos momentos retratando o contato dos marinheiros com a terra africana e essa história evidencia as formas de opressão e a intensidade da violência, a forma como o africano vê o invasor e maneira como os colonos irão produzir as relações de um jeito em que haja a situação de dominação e seus privilégios sejam assegurados, sempre buscando manter o status branco e propagar a visão da cultura africana de forma desfavorável na intenção de manter o controle sobre a cresça na sua religião, na sua monogamia, e na falta de liberdade como sendo o caminho para “salvação”.

Os navegadores correram de aldeia em aldeia, derramando sangue, profanando túmulos, pervertendo a história, fazendo o impensável. A Zambézia abriu o seu corpo de mulher e se engravidou de espinhos e fel. Em nome desse amor se conheceram momentos de eterno tormento e as lágrimas tornaram-se um rio inesgotável no rosto das mulheres. As dores de parto se tornaram eternas, os filhos nasciam apenas para morrer, eram carne para canhão. O povo tentou, inutilmente, transformar os corações em pedra para fugir à dor, à morte, à opressão. (CHIZIANE, 2018, p.60)

As relações entre colonos e africanos (indígenas) vão da memória da invasão até a conscientização do lugar que essas personagens negras ocupam no desenvolvimento da modernização.

Os relatos memoriais são evidenciados principalmente pelos personagens mais velhos, incluindo aí a mulher do régulo que narra histórias tanto da mitologia do lugar quanto das sensações que ela tem pela forma como vê a presença de Dores no rio (que vão até a possibilidade do final da guerra de libertação). Essa análise feita sobre a forma como Dores se comporta é percebida quase como uma profecia que se efetiva, o corpo nu, a liberdade da mulher, a ocupação do lugar masculino, representam memórias do um poder feminino que foi perdido, ou roubado, e que dentro do processo colonial se transforma em opressão, submissão e violência.

Já a consciência de ser um indivíduo colonizado, como é o caso das análises feitas pela própria Delfina ao final da narrativa, trazem o entendimento da raça, do processo marginal que acontece com os moçambicanos mesmo sendo assimilados. Delfina e José acabam desenvolvendo a consciência de que o patamar de cidadão não é atingível, ele existe apenas para os colonizadores e para evidenciar as diferenças sociais.

Cabaço evidencia a forma como tudo, todas as interações, são pautadas por uma visão racial marginalizada em que um homem negro tem as suas existências medidas pelas interações com os brancos, “uma simples queixa de um branco poderia determinar a prisão de um negro sem processo investigativo, sem julgamento nem defesa, e a pena, determinada por um funcionário do aparelho administrativo, era perfeitamente arbitrária.” (CABAÇO, 2008, p. 223)

Ademais, independente do status de assimilado que um negro carregasse, ele seria visto pelos brancos sempre como preto, não havendo interação social válida que não fosse “patrão – empregado”, dito isso, entendemos que a separação existia e era reforçada pelo

lugar onde se morava, os espaços em que se podia circular, o emprego que se tinha, e até as noções de escolha, quem tinha prestígio, identidade social reconhecida, superioridade e quem detinha e articulava o poder.

Começa então a compreender o que antes não vira. Que só um camaleão muda de cor. Que o negro é sempre negro e deve aprender o orgulho de sê-lo. Começa a perceber as mensagens de resistência nas greves dos palmares. Não se pode ser preto e ser branco ao mesmo tempo. Recorda-se das canções de revolta. A terra era minha e roubaram-ma. O corpo era meu e usaram-no. Esta noiva é minha filha e ma roubam. Ah, se eu fosse mais nova empunharia uma arma e lutaria pela minha dignidade e por tudo o que me tiraram. (CHIZIANE, 2018, p. 282)

Delfina tem todas as suas ações voltadas para uma mudança de posição na hierarquia social, e a personagem acredita que essa ascensão exista para uma mulher negra se ela for assimilada, se ela tiver filhos mestiços, se for casada com homem branco, se morar no bairro dos brancos, e assim sucessivamente, mas sem nunca realmente alcançar esse lugar, porque ele não existe para alguém como ela. Nesses movimentos, ela perde o marido branco, perde os filhos, é roubada, violentada e acaba sendo invalidada pela filha mestiça (Jacinta) com um atestado de insanidade, e volta a ser tratada com a mesma marginalização do início porque a mudança de identidade é pregada, é glamourizada, mas não existe, ela faz parte da dominação, ela serve para regular os corpos, para punir e para limitar a existência do outro.

A visão e o entendimento sobre o lugar que se ocupa dentro da colonização só acontecem no final da narrativa quando Delfina espera a volta da filha Maria das Dores. O desfecho da obra nos apresenta José dos Montes indo buscar Delfina depois que reconhece a louca do rio como a filha que há muito tempo fora abandonada.

A consciência da mulher (e de José) vem junto com a culpa pela assimilação, percebe-se isso a partir de suas falas:

— Veja só a ironia desta vida, José. É a língua antes rejeitada que se busca e se acarinha. Nós os assimilados remetemos o povo ao sofrimento. Facilitámos a opressão, o exílio, a deportação. O povo lutou, resistiu e a terra é livre. Quando tudo estava pronto assaltámos de novo o comando. São os nossos filhos, nós, os assimilados, que lideram a vida com o saber e a língua dos marinheiros.

Tem razão, a Delfina. O colonialismo incubou e cresceu vigorosamente.



Invadiu os espaços mais secretos e corrói todos os alicerces. Já não precisa de chicote nem da espada, e hoje se veste de cruz e silêncio. Impregnou-se na pele e nos cabelos das mulheres, assíduas procuradoras da clareza epidérmica, na imitação de uma raça. As bocas das mães negras expelem raivas contra o destino e perdem a melhor energia na fútil reprodução de um deus perfeito. Trinta anos de independência e as coisas voltam para trás. Os filhos dos assimilados ressurgem violentos e ostentam ao mundo o orgulho da sua casta. O colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro, mudou de sexo e tornou-se mulher. Vive no útero das mulheres, nas trompas das mulheres e o sexo delas se transformou em ratoeira para o homem branco. (CHIZIANE, 2018, p.330 – 331)

No colonialismo a civilização, para os moçambicanos, se inicia pela assimilação, mas não findava em um lugar de direito e como consequência havia os movimentos de resistência, a guerra. Falar sobre a relação entre o passado colonial e a sociedade que resulta disso, nos mostra que não se pode retomar um passado não colonial, porque ele não existe, e que a vida em lugares que foram colonizados é feita e constituída do que se apresenta no agora e no que resultou disso de forma concreta, não há como apagar os traços coloniais e nem fundi-los a categorias já existentes. A colonização traz uma modernidade, a de um povo novo, miscigenado, que foi violentado e escravizado e em que a história se constitui agora dessa maneira.

O final da narrativa não combina com tudo que foi contado até ali. A lucidez de Maria das Dores é o que serve para resgatar a memória coletiva, mas apesar de os diálogos questionarem as ações dos personagens, a assimilação, a violência colonial o texto não é compatível com a harmonia do desfecho.

É aos pés de um cristo de barro que Maria recorda a perda dos filhos, que conta ser filha de José dos Montes e Delfina. O diálogo segue:

- Conta-me tudo, Maria.

Ela conta. Os Montes Namuli. A escalada. A gruta. Soldados brancos em treinos militares no coração da guerra colonial. O hospital, os médicos. A freira que lhe levou os filhos. Três homens permanecem quietos, assistindo ao insólito. Presentes. Ausentes. Hipnotizados pelas palavras que correm em torrente da boca de uma louca. O Cristo bantue ergue Maria no ar e pronuncia encantamentos. Ela fecha os olhos e saboreia o momento.

O Cristo negro solta uma lágrima e um sorriso. (CHIZIANE, 2018, p.302)

O trecho relaciona a clareza mental da mulher à figura de um salvador que, diferente da imagem tradicional de Cristo, se aproxima das características de Maria, é um cristo preto que entende as dores e todo o processo de sofrimento que ela viveu.

No momento em que Maria recorda tudo, estão presentes um cozinheiro, que descobrimos ser José dos Montes, os filhos de Maria, Benedito e Fernando e quem chega depois é o feiticeiro Simba, chamado para controlar a mulher.

José dos Montes se apresenta à filha e mais uma vez a realidade de violência a que mulheres são submetidas é trazida.

— Sobrevivi à solidão, ao desgosto. Para te ver assim, Maria das Dores? O que aconteceu? O que fez de ti este mundo mau? Quem te destruiu o coração, quem? Quantas vezes pensei eu em assaltar-te como um vadio para me realizar como homem que ainda sou? No momento exato eu dizia que não, como se uma mão mágica me impedisse. Porque eras a minha primogénita, ah, maldita vida! (CHIZIANE, 2018, p.305)

O homem relata que pensou em violentá-la algumas vezes por ser vista como uma mulher louca, para realizar seus desejos masculinos. A ideia trata o corpo da mulher como objeto destinado a satisfazer um homem, isso mostra a realidade machista que a obra captura. Apesar disso, o tom que encontramos a partir desse momento encaminha-se para uma reconciliação, não levando em conta que as escolhas de José e a relação dele com Maria partem do abandono.

O curandeiro chora como uma criança. De emoção. De qualquer coisa que ninguém entende.  
— O que foi, meu velho? — pergunta o médico.  
— Doutorzinho, sou eu, o Simba. O que amou a Maria das Dores até à perdição. Sou eu...  
— Quem?  
— O marido dela. O vosso pai.  
— Ah! Tu? Todos estavam aqui. Por que nos deixaram sofrer tantos anos de angústia? — grita Benedito, descontrolado.  
Ficaram mais mudos que nunca. Nenhum dos presentes imaginara que naquele espaço poderia realizar-se o fantástico milagre. (CHIZIANE, 2018, p. 305 - 306)

Simba usar a voz do sofrimento de quem perdeu a mulher amada quebra toda a imagem trazida até o momento pela narrativa. A situação ser vista como um fantástico milagre não combina com a brutalidade crua que foi vivida por Dores, esse homem estuprou, roubou. Ele faz parte do processo de enlouquecimento dela, sendo o sujeito que

lhe entorpecia com álcool e drogas e que lhe colocou um atestado de insanidade mental. Simba não é o marido abandonado e pai que perdera os filhos.

A reconciliação entre os personagens é uma inverossimilhança, que causa estranhamento principalmente quando vemos a forma como Maria passa a enxergar Simba.

Maria das Dores se encanta. Nunca esperou ver um homem a chorar por ela, completamente perdido de amor. Descobre que Simba não tem nenhuma semelhança com o seu pai e nem é o homem da sua mãe. Era dela e era belo. Sensível. Romântico. Aprende a apreciar aquela imagem esguia, com o falar fino dos poetas, de barba grisalha e os cabelos coroados pelas cãs da vida. Lamenta o tempo que perdeu a temer um homem que afinal era seu. Apesar do pranto, Simba aprecia a sua Maria das Dores e jura... (CHIZIANE, 2018, p.327)

A história de Maria e Simba não é um romance como o desfecho apresentado tenta nos fazer acreditar, o pronome possessivo utilizado por ele para dizer que Maria é sua retoma a noção de posse que ele sempre teve em relação a ela. O movimento final quase nos faz pensar que quem delirou durante a obra foi o leitor, que não enxergou nessa figura masculina a sensibilidade e romantismo final. Ou como se todas as suas ações fossem anuladas porque Simba “ama” Das Dores.

O momento em que podemos rever o Simba de antes é quando ele entra em contato com Delfina, a mulher que ele odiava, e quem vai levar a culpa pela desgraça do homem. “— Ah, Delfina, ratazana velha! Apanhei-te. Pagar-me-ás por tudo o que sofri. Não vi o crescimento dos meus filhos por tua causa, Delfina maldita!” (CHIZIANE, 2018, p.327).

José dos Montes vai ao encontro de Delfina depois que reencontra Maria das Dores, ele é quem leva a mãe ao encontro da filha. Esse é o momento em que acontecem os reparos da história, Delfina com o retorno de Maria das Dores conseguirá o perdão de Maria Jacinta.

O acordo final remonta dois núcleos familiares, José dos Montes e Delfina, Maria das Dores e Simba. São narrados como novos tempos, de paz, enquanto eles apreciam uma Zambézia com o fim da guerra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação pretendeu mostrar como a violência nas relações de gênero vem expressa na literatura. O texto escolhido para esse trabalho apresenta as características do que é ser mulher em um país patriarcal, machista e colonial. Paulina Chiziane escreve sobre esse período e apresenta a visão com que são concebidas as mulheres dentro desse meio, especialmente quando há a dificuldade de moldá-las e transformá-las em submissas, subordinadas.

A análise feita trabalhou o entendimento sobre o corpo e as relações de poder que nele se inserem pelas perspectivas teóricas tanto de Judith Butler em *Corpos que pesam*, como de Foucault em *Microfísica do Poder* e *Vigiar e Punir*. Em relação aos aspectos narrativos priorizei a construção de Delfina como uma prostituta, a venda de seu corpo, a relação da personagem com a mãe, já que nessa história temos uma relação materna abusiva. A não conformidade dos corpos incidiu, na análise, sobre Maria das Dores e Delfina, já que, mesmo nascidas em modelos sociais que as inferiorizam – mulheres, negras, colonizadas – essas personagens não aceitam com passividade as situações que buscam inferiorizá-las.

Além da história dessas mulheres, foram mencionadas histórias de alguns dos homens presentes na narrativa, como é o caso de José dos Montes, Simba e Lavaroupas da Silveira. Essas personagens foram pensadas a partir da ideia da colonização, principalmente do contato desses homens com a violência colonial, em que pontos eles sofrem com ela e em que ponto ajudam a perpetuar as mazelas dela advindas. Como acontece com Lavaroupas, homem que foi escravo, mas prostitui o corpo da própria mulher na intenção receber os benefícios que uma casa miscigenada poderia ter.

Os questionamentos levantados pela leitura de *O alegre canto da perdiz* sempre precisam ultrapassar o filtro que me faz julgar ações dessas personagens, porque é necessário um processo de reflexão sobre o lugar que está sendo narrado e a realidade social de um povo colonizado em que a escolha passa pela morte, a escravidão, a comercialização do outro (único ponto em que há “benefício” individual) e o tráfico. Nesse aspecto podem se inserir personagens como Serafina, Lavaroupas e até José dos Montes, pois falar sobre colonização implicou, para mim, questionamentos relativos à moral, já que muitas dessas situações acontecem entre jogos de poder, mas que fazem questionar o caráter desses personagens.

Serafina vende o corpo de Delfina, existe nessa ação um processo de benefício próprio, um lucro mínimo, mas Serafina é uma mulher que teve parte dos filhos roubados, eles foram traficados, a personagem possui nuances da sua dor sendo narradas, isso não justifica a venda da virgindade da filha, mas nos faz pensar o lugar que essa mulher ocupa na sociedade, um lugar marginal, em que as escolhas simplesmente não existem.

Lavaroupas da Silveira é um ex-escravo que comercializa o corpo da mulher com quem é casado. O patrão de Lavaroupas cobiçava a mulher e entre as escolhas que ele tinha, resistir e ser morto, deportado ou entregar a mulher, escolheu ficar vivo. A partir dessa primeira experiência com o patrão, ele começa a alugar a esposa e ganha em troca mantimentos, casa, educação para os filhos negros e mestiços. Da mesma maneira que Serafina carrega sofrimentos trazidos pela colonização, Lavaroupas também os tem, seu nome, por exemplo vem de uma posição humilhante, ele lavava as roupas do seu patrão Francisco da Silveira e recebe o nome do senhor junto com sua função.

José dos Montes é um condenado que se assimila e passa a ser um sipaio, mata e persegue em nome do regime colonial, escolhe, pela pressão de Delfina, aderir a cultura do homem branco e com isso passa a ter mais comida e uma condição de vida minimamente melhor. Toma gosto pelo que faz e passa a ser temido pelo povo, pelos que fazem parte da revolução. Há satisfação em atender as demandas do regime, ele se torna sanguinário. Contudo, essa mudança de status se mostra quase inexistente e suas opções de escolha nesse lugar que ocupa também são mínimas.

Esses três personagens estão inseridos em situações que podem ser condenáveis, mas que nos fazem pensar sobre as escolhas que eles tinham, nesse lugar que eles ocupam dentro de uma sociedade colonial, uma mulher preta e dois ex-escravos não possuem muitas possibilidades de mudar ou fazer escolhas diferentes. Isso não torna suas escolhas menos problemáticas, mas nos faz questionar se todas as suas ações são realmente escolhas ou não passam de imposições sociais camufladas.

A visão sobre a mulher passa por um filtro que Paulina escreve no ensaio *Eu, mulher...*(2013), a autora questiona se a nossa sociedade seria diferente se deus fosse mulher e se adianta em responder que possivelmente não, sua ideia é de que “não basta ser mulher para ser justa (p. 8)”. Ela usa o exemplo de Cleópatra, que adquiriu poder no decorrer da história, e diz que: “da condição social das mulheres do seu povo, Cleópatra não se lembrou nunca.” (p.7).

Quando falamos sobre mulheres que adquirem poder ou que buscam esse poder social, temos ainda uma perspectiva marginalizada de que elas são egoístas por estarem em uma busca individual de salvação. Em *O alegre canto*, o contato com as masculinidades fere o corpo delas, tem impressões físicas, mas as relações entre mulheres é que irão denotar um acúmulo de problemas, é onde aparecem as consequências. Como é o caso do roubo de Maria das Dores, o seu enlouquecimento e o afastamento de Maria Jacinta.

A história apresenta essas personagens lidando com todas as mazelas e sofrimentos que os conflitos com os homens vão gerar, Das Dores se torna uma mulher viciada, que foi drogada desde os 13 anos por Simba, ela perde os filhos e a sanidade, já o bruxo retorna no fim da narrativa como um homem apaixonado que havia perdido a mulher que amava porque ela foi embora. Jacinta perde a irmã por causa das escolhas de Delfina, que é quem vai ser a culpada pelo afastamento entre ambas, não é o abandono de José, o abandono de Soares e o sequestro e estupro cometidos por Simba, as consequências e a punição recaem sobre Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta. Os homens desaparecem e ressurgem quase como se fossem vítimas das escolhas delas, talvez como forma de punição pela liberdade que buscam adquirir somente elas lidam com as consequências das violências e dos abandonos.

Essa dualidade com que a autora vê as mulheres, ora deusas, rainhas, ora pecadoras, feiticeiras egoístas, está presente na obra, mas reflete as vivências de Paulina, uma mulher nascida dentro de uma etnia em que há o pagamento do lobolo e onde as mulheres são divididas entre boas, que servem para se casar, ou más, que serão estéreis e sozinhas (CHIZIANE, 2013).

Existe também a dualidade que a autora presencia, que está na forma como as coisas se desenvolvem no mundo social e a forma interna, as coisas que acontecem no íntimo de Paulina. Isso se apresenta na vontade de ser escritora, colocar suas ideias no papel e apresentar suas experiências, e na recepção que ela terá no meio literário já que ser uma escritora é recebido de forma marginalizada pelos homens, principalmente no meio artístico. Além disso, o ato de escrever e se dedicar a escrita conflitam com sua vida conjugal porque quando Paulina se casa o sonho de escrever é ofuscado pela necessidade de se tornar uma boa esposa.

Talvez isso se reflita na forma como *O alegre canto da perdiz* elabora os acontecimentos, porque temos um percurso de violências e de situações tão tristes e absurdas que conflitam com o final da narrativa, o movimento feito é de um período colonial até o final da guerra de libertação, mas mesmo que o caminho seja para a ideia de novos tempos, não é possível olhar para essas violências sofridas por essas mulheres e simplesmente dizer que está tudo perdoado. A obra fala sobre tragédias e a chegada da paz harmonizando todas as ações praticadas até ali reduz o impacto da narrativa porque reduz as experiências ruins dessas mulheres a um romantismo mascarado, uma montagem distorcida.

A paz assume o comando, no trono de pedra, e Delfina abraça todos os filhos e todos os netos. Reina um violento silêncio. São o passado e o presente beijando-se nas fronteiras do futuro. Delfina cerra os lábios e balança. No peito a mais doce canção de embalar. (CHIZIANE, 2018, p.332)

A maternidade que aflora em Delfina deixa claro a quebra do ritmo entre o percurso e o final da obra, Delfina não é uma mãe amável, ela conflita com os filhos constantemente, vive embriagada enquanto uma Maria das Dores criança cuidava dos irmãos, ao ponto de atear fogo na casa para conseguir socorrer um dos irmãos que passava mal. Ela abandona Maria, se revolta contra Jacinta, vê as filhas como moedas de troca, uma tem o valor de um feitiço e a outra o valor da ascensão social.

Porém, apesar desses aspectos, a obra de Paulina Chiziane é um marco na resistência contra a opressão sofrida pelas mulheres no decorrer da história. A autora aborda uma Moçambique colonial em que ser mulher é constantemente lutar por um lugar, seja para publicar suas obras ou para entrar na Associação de Escritores. No caso de suas personagens, para frequentar a escola ou ter os filhos de volta. Paulina reflete o cotidiano de muitas mulheres e homens marginalizadas, a partir de sua visão sensível de contadora de histórias, jogando luz em espaços obscurecidos pelo machismo e colonialismo ainda presentes em Moçambique.

## REFERÊNCIAS

- ARNFRED, Signe. Notas sobre gênero e modernização em Moçambique. In: \_\_\_\_\_. *Sexuality & Gender Politics in Mozambique. Rethinking gender in Africa*. Rochester, NY, Boydell & Brewer Inc., 2011, pp.39-61. Tradução: Osmundo Pinho. Revisão: Daniela Ferreira Araújo Silva. *Cadernos Pagu* [online]. 2015, v. 00, n. 45. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201500450181>>. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449201500450181>. Acesso em: 13 Dezembro 2021.
- BONNICI, Thomas. Representação feminina na literatura da África do Sul. *Mimesis*, Bauru, v.23, n.2, p. 91–101, 2002.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. [livro eletrônico]. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRUGIONI, Elena. *Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*. Campinas: Editora Unicamp, 2019.
- BUTLER, Judith. Corpos que Pensam: Sobre os Limites Discursivos do “Sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BUTLER, Judith. *Corpos que Importam*. Trad. de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CAN, Nazir Ahmed. *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio*. São Paulo: Kapulana, 2020.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiências coloniais e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- CHIZIANE, Paulina. *O Alegre Canto da Perdiz*. [Ebook]. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- CHIZINANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*. Belo Horizonte: 2013
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Abril 2013. Disponível em:



<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 de março de 2020.

COSTA, Pollyana dos Santos Silva. *Assimilação, identidade e memória na obra O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane*. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)— Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_4b7cf7d748f77d3ee4a322592e39eb8c](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_4b7cf7d748f77d3ee4a322592e39eb8c)>. Acesso em: 15 de Jun. de 2020.

EURONEWS. *Paulina Chiziane vence Prémio Camões 2021*. YouTube, 21 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2jG4BGhYpcQ>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 38.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GINSBURG, Jaime. *Crítica em Tempos de Violência*. 2010. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 300. 2010.

MACHUD, Abudo. *A Recepção crítica de Nós Matamos o cão tihoso, de Luis Bernardo Honwana*. Orientadora: Fátima Mendonça. 2004. Monografia (Licenciatura em Linguística) – Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Linguística e Literatura, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2004. Disponível em: <http://monografias.uem.mz/jspui/handle/123456789/1434>. Acesso em: 13 de Dezembro de 2021.

MENESES, Maria Paula. *O Passado não Morre: a permanência dos espíritos na história de Moçambique*. In: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia. *Repressão e Memória Política no Contexto Ibero-Brasileiro: estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal*. Brasília: Portugal: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2010.

MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó (ORG.). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Editora Appris, 2013.

NOA, Francisco. *Uns e Outros na Literatura Moçambicana: ensaios*. São Paulo: Kapulana, 2017.

NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia: Moçambique como Invenção Literária*. Ebook. São Paulo: Kapulana, 2019.

SANTOS, José Benedito dos. *As Faces do Mito na Ficção de Mia Couto*. Manaus: Editora Valer/ Fapeam, 2015.

SANTOS, Tiago Ribeiro dos. Rastros da história colonial na literatura de Paulina Chiziane. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 99-112, abr. 2018. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2018v23n1p99>>. Acesso em: 15 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-7917.2018v23n1p99>.

SCOTT, Joan. GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL DE ANÁLISE HISTÓRICA. In: *Educação & Realidade*. v. 20, n. 2, p. 71 – 99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 29 de junho de 2019.

SCOTT, Joan. Pessoas Buscam 'Salvação' na 'Masculinidade Extraordinária' de Homens como Trump e Bolsonaro, diz historiadora dos EUA. [Entrevista concedida a] Ingrid Fagundes. *BBC News Brasil*, São Paulo, 5 jun. 2019. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504880?ocid=socialflow\\_facebook&fbclid=IwAR3cO3\\_6ntnfvfLckH9-3Elg6YNdyFOtxdcjWr5PgyjjbNwU6EEIHczBlabU](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504880?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR3cO3_6ntnfvfLckH9-3Elg6YNdyFOtxdcjWr5PgyjjbNwU6EEIHczBlabU)>. Acesso em: 29 de junho de 2019.